OBRAS INEDITAS
DE
DUARTE RIBEIRO DE MACEDO,

Desembargador dos Aggravos da Casa de Supplicação, Cavalleiro Professo da Ordem de Christo, e Concelheiro da Fazenda do Senhor Rei D. Affonso Sexto.

DEDICADAS

AO MUITO ALTO, E PODEROSO SENHOR

DOM JOÃO VI.

REI DOS REINOS-UNIDOS DE PORTUGAL, BRAZIL, E ALGARVES.

POR

ANTONIO LOURENÇO CAMINHA,

Professor Regio de Rhetorica, e Poetica, e Cavalleiro da Real Ordem de Sant-Iago.

LISBOA:

NA IMPRESSÃO REGIA. ANNO 1817.

Com licença.

Não creas que perdido os Deoses tenhão .
De teus illustres feitos a memoria ,
Antes daqui á vante hirão cresɛendo
A fama , e Nome teu com eterna gloria.

Ulyssea do divino Homero por
Gonçalo Peres. Canto I.

SENHOR.

O Diuturno silencio que o medonho estampido das inimigas armas pozerão ás Artes e Sciencias (1) *nesta illustre Capital (digno berço de V. M.), e por consequencia em todos estes Reinos, e seus vastos Dominios, motivárão immudecer a minha voz balbuciente, e tímida, roubando-me a gloria a su-*

---

(1) Silere leges inter arma; *as Leis se calão entre o estrondo das armas.* Cicero.

blime, e incomparavel gloria de consagrar a V. M. o costumado fructo de meus trabalhos, e fadigas litterarias, sempre protegidos, e amparados sempre por V. M. (1), digno imitador de seus claros Ascendentes, os quaes prezando em mais do que o oiro, e o diamante, segundo as sagradas Letras (2) a Sabedoria, não só dérão principio ao descobrimento das Costas de Africa (3), como ás da Asia, e America, com valor mais do que humano, plantando em tão remotos climas a Religião Santa, vendo por este modo trocadas as profanas Mesquitas em Templos Sagrados, onde abatidos os infames Ritos de Ma-

---

(1) *Todo o Monarcha que conhece a sua gloria, sabe quanto lhe resulta da protecção dos Sabios, a quem anima, e protege.* Gaganeli T. I. Carta 31.

(2) Melius est Sapient. quam aur. Solom.

(3) *Alude-se ás emprezas do Senhor Infante D. Henrique.*

famede, se passou a adorar o Deos Trino. Os quaes, torno a repetir, que prezando mais que o oiro, e o diamante a immortal Sciencia, irigírão famosas Universidades no seu Reino (berços das Artes, e Sciencias), fazendo que as Nações mais cultas da Europa tirassem dellas fieis treslados para a erecção de outras (1).

E se a prudente escôlha, ainda de hum mediocre Mecenas, tem sido muitas vezes capaz de transmittir á posteridade a producção litteraria de hum laborioso Escriptor, que fará a de hum Principe Sabio, e por todos os titulos amavel, com os brilhantes dotes de hum Augusto, a quem Virgilio immortalizou em seus versos? De hum Principe,

---

(1) *Alude-se ao Chefe de Obra dos Regios Estatutos da Universidade de Coimbra, traçados pelo Senhor Rei D. José, e seu sabio Ministro.*

que abrazado do mais honroso, e glorioso fogo, teve em poco os perigos, e borrascas do contraposto Occeano, e qual outro impávido, e immortal Gama, venceria os mais soberbos Adamastores que lhe obstassem, e as mais crueis Sirtes, e Caribides, como o General Troyano, só por salvar a Patria, e aos seus fieis Vassallos (antes dignos de serem chamados filhos) do rigor barbaro do inimigo commum.

Porém, Serenissimo Senhor, que tintas, e que pinseis serão capazes de formalizar o triste, e luctuoso quadro daquelle sempre memoravel dia (dia mandado pela Providencia) quando V. M. deixando a saudosa Patria, se nos auzentou dos lacrimosos olhos? Que divina eloquencia se não precisa para este desempenho? que sublime genio, que profundidade de talentos!

Filha do forte Luso, ínclita Lusitania, eu me parece ouvirte ainda

suffocada em copiosas lagrimas assim dizeres!

"Possivel he, oh Ceo! que vêr
" consintas esta tua Nação atro-
" pelada, e invadida das inimigas
" armas? Faltou ella por acaso á
" observancia dos preceitos da tua
" Lei Santa? Manchou as sacrile-
" gas mãos na incruenta victima?
" Profanou os teus Altares? Não
" foi ao invicto Rei D. Affonso, a
" quem tu prometteste eterna pro-
" tecção contra as inimigas lanças
" Mahometanas? Desempenhada se
" não vio esta promessa, quando
" vimos maneatados ao Carro do
" Triunfo a cinco Reis Agarenos?
" juncados os campos de infinda
" Mourama? e os rios tintos do in-
" fido sangue?

"Não são os Lusos, os que le-
" várão o Estandarte da fé até ao
" berço onde nasce o dia? Seus in-
" clitos Heroes não forão os que tor-
" nárão o Gentilismo em fieis filhos

„ *da Igreja? Como agora pois con-*
„ *sentes, que robado lhe seja dos*
„ *seus olhos ao sen amavel Princi-*
„ *pe, sustentáculo, e columna de*
„ *tua Lei Sagrada? ficando nós*
„ *sem Pai, sem Valedor? mas que*
„ *mortal, ó increado Ente, sonhar*
„ *s'atreve teus occultos juizos, teus*
„ *Decretos? O abysmo dos nossos*
„ *Misterios, o denso, e espesso véo*
„ *que os cobre, sempre serão veda-*
„ *dos ao juizo humano!„*

Assim dizia Lysia consternada, quando vio a V. M. apartar-se de seus chorosos olhos. Tanto he certo, que o bem que se gosa só perfeitamente se conhece na sua privação.

Não foi por certo desigual o sentimento de V. M. á vista do luctuoso estado em que via ficar a consternada Patria. Não experimenta a carinhosa mãi mais afflicção, quando vê arrancar-lhe os tenros filhinhos dos seus braços, do que V. M. experimentou, quando se vio obri-

gado para salvar a Nação do barbaro rigor, em deixar a seus fieis Vassallos, a quem V. M. ama como a proprios filhos.

Mas já V. M. chega á Capital do novo Mundo. Não ha vozes que expliquem o prazer, e alvoroço daquelles Póvos, se até então infelizes, por não gozarem da vista de V. M., hoje tres, e quatro vezes venturosos com a sua magestosa presença. Não cabendo-lhe o prazer em seus peitos, lhes trasborda nos semblantes, e nas expressões. " Alguma vez no Mundo, dizião, a desgraça nos havia de tornar felizes com a vinda do nosso amavel Principe. Quem poderá jámais temer a desventura, escudado de seu forte, e treplicado Escudo? Corramos de tropel aos Sacros Templos, e alli ante o Deos Eterno, rendamos nossos Cultos, e cantemos mil Hymnos de júbilo, e de reconhecimento. "

Disse. Religião Santa, tu só he que hes o unico arrimo da Virtude, e igualmente o ultimo refugio da humanidade! Tu foste a que consolaste, e forneceste o amavel coração do nosso Augusto Principe. Tu foste o fixo norte, aonde elle fitou os seus ternos olhos, para o desempenho dos deveres do Throno! Nesta longa, e remota estancia de continuo lhe lembrão seus fieis Vassallos; daqui lhe ministra todos os meios para a sua subsistencia feliz. Bem á maneira de Augusto, assenta ter perdido o dia em que não dispenda beneficios. São as Acções de V. M. hum livro aberto, que seus fieis Vassallos tem diante dos olhos, onde de contino aprendem a ser benéficos e caritativos com o pobre, e com o indigente. Os discursos de V. M. são do numero daquellas pessas de eloquencia, onde atravez de huma nobre etica, brilhão os pensamentos nobres e sublimes, os prin-

cipios luminosos, e humas certas miudezas de Moral, que entre as mãos habeis sempre se reputárão por chefe de obra. Discursos cheios daquelle ardor, e viveza de eloquencia, que constituem a linguagem da convicção, e do sentimento.

Retirado da sua Capital, e embrenhado no coração de huma espessura, passava Salomão as horas vagas do seu Magestoso exercicio, e por meio de huma analyse Philosofica do que via, traçava na sua alma sabios discursos, que lhe dictavão as arvores, e as plantas. Neste innocente retiro, dizia este grande Principe, que com Deos aprendia os conselhos mais importantes para o feliz governo de sua Monarchia. Elle sabia perfeitamente que as luzes precisas para o conhecimento da Virtude estavão sómente em Deos, e por isso dizia que Deos queria, que quando lhe rogassemos alguma cousa, lhe haviamos de fal-

lar com o coração, e com as entranhas. Olhando para as crystalinas fontes, e elevadas montanhas, e corpolentos, e copados cedros, aprendia a alevantar a mente ao Author de tantas maravilhas, que de nada, e só com sua imperiosa voz, pôde fazer surgir a espantosa Machina do universo, para feliz morada dos mortaes. Tanto sublima Deos a natureza humana, quando a guia, e couduz a Luz Divina! Para consummar o quadro deste grande Mestre da arte de reinar, basta proferir o seu Nome. Todos os seus Vassallos o amavão, e hum só não houve que o amasse, sem que fosse delle igualmente amado. A Bondade, e Magestade Real, tinhão nascido com elle de mãos dadas. A Natureza lhe deo o que produz o estudo, e a virtude nos mais homens.

O maior estudo dos Philosofos he o saberem triunfar de suas paixões, vencendo-se a si mesmos. Sa-

lomão não aprendeo se não a seguir-se a si proprio , e toda a sua filosophia , cuidado , e desvelo não era se não executar o que a justiça e a rectidão lhe dictavão. Apezar da amizade que tinha a muitos Principes do Mundo , não o estorvava a que tinha a todos os seus Vassallos nobres , e plebeos , e aos mesmos escravos do seu Palacio , e por esta causa dizia : " Que as paixões encadeadas , e prêzas ao coração „ humano pela Eterna Sabedoria , „ erão como liões rompentes atados „ ao carro do triunfo do vencedor. „ O triunfo destes he o maior espectaculo da natureza humana. „ Ellas erão puras quando sahírão „ das mãos do Creador , porém o „ fogo infernal foi quem as transtornou , ha seis mil annos que o „ mál dura , e esta a fonte das nossas desgraças. O nosso espirito „ enviado do Ceo , nestes entes inferiores , nesta casa de corrupti-

,, *vel barro, he nos dado, como dá-*
,, *diva celleste, para bem usarmos*
,, *delle, porém nós o deturpamos,*
,, *se não recorremos ao conforto do*
,, *Ceo.* ,,

Assim fallava este grande Principe. A adulação, e a lisonja falsamente escrevêrão por Epitafio sobre o Sepulcro de hum presumido Philosofo, o que a verdade escreveo sobre o berço deste Principe. Sua bondade natural finalmente, transformada pela graça (seja-me lícito assim explicar) em huma bondade sobrenatural, fez milagres sem exemplo para conforto dos desgraçados. O seu governo foi huma cadêa successiva de prosperidades. Na carreira daquelles doirados dias não gemeo a pobreza agrilhoada, e a pública calamidade esteve com as mãos prêzas. Elle achou o occulto segredo de suspender as lagrimas do desvalido. Este he o caracter do Principe recto, que sempre tem a

seu favor os suffragios da posteridade e o sêllo da veneração pública.

Mas quem não conhece, ó Rei excelso, ser este esboço que eu faço dos preciosos dias deste grande Soberano, huma viva pintura, donde eu estou tirando as tintas, para formalizar o quadro do feliz Governo quando V. M. nesta saudosa Capital nos governava, mais com amor de Pai, que de Soberano? Quem ignora que V. M. he hum fiel imitador dos mais heroicos Reis que tem ennobrecido a face da terra? que sem que lhe seja preciso modélos estrangeiros, sabe imitar os felizes Reinados de hum Senhor Rei D. Diniz, D. Duarte, D. Manoel, e D. João II. Governos, para os quaes são fracas as eloquencias dos Osorios, e dos Teives.

He a Historia Nacional hum thesoiro, onde V. M. a toda a hora se enriquece de tudo quanto he grande e heroico. Tanto he certo, que o

explendor da Virtude deslumbra toda a gloria humana, ainda que não procure brilhar nos olhos dos homens, e que quem nasce sem esta, carece da valentia de animo. He este hum como Anjo immortal que entra na alma dos Heroes no calor das batalhas, chamma sublime que abraza em honroso fogo o coração do Guerreiro, e o incita, e obriga a obrar acções eternas, dignas da Patria, e do seu Rei.

Aqui he pois, onde V. M. aprendeo, que os Reis são feitos não só para mandar, como tambem para pôr em prática as grandes acções. Que os Reis morrem, porém estes que sempre vivem, e que são a alma dos Estados. Que as Virtudes são hereditarias na sua illustre Familia, que em todas as idades deo Heróes ao Mundo, cujas acções ainda hoje as quatro partes do Globo repetem com júbilo e prazer.

Mas onde, Real Senhor, me

foi arrebatado o impulso da minha fantazia? Em que vasto, e espantoso Occeano me hia agora engolfando, esquecido das Leis de huma Dedicatoria? Mas como poderia immudecer, e deixar em silencio os deveres de verdadeiro Escriptor, sendo este o que com imperiosa alçada péza, e avalia o merecimento dos Reis, dos Conquistadores, e finalmente dos mesmos Seculos? Todos sabem, que V. M. sem desprezo das Artes encantadoras, e agradaveis, se tem dado ás Sciencias profundas e sólidas. Todos sabem, que são ellas, e a Piedade santa, as que lhe ministrão os dictames de felicitar os seus fieis Vassallos. Que forão ellas as que logo dos tenros annos quem dispôz o nobre Coração, e Real Espirito de V. M. para ser a gloria do Throno, a felicidade da Nação, e finalmente a houra, e crédito da humanidade.

A' vista pois de tão fortes, e

instantes motivos, deixaria eu de consagrar a V. M. os meus trabalhos literarios, e as nobres Producções daquelles illustres Portuguezes que tanto enobrecêrão a Patria, e ao Mundo todo com seus scientificos Escritos? Deixou V. M. por acaso de ser o esteio das letras, e o Mecenas dos que as amão, dos que as cultivão? Não he das letras que V. M. possue, que se deriva a fonte, e origem de nos amar como a carinhosos filhos? Quantas familias desvalidas pela ausencia de V. M. não tem feito transportar para a sua Côrte? A quantas não tem soccorrido com mão Alexandrina nesta mesma Capital? Eu seria feamente ingrato aos olhos do Mundo, e da mesma Religião Santa, e até incensivel aos Ceos, que de contino chovem mil bens sobre os mortaes, se publicamente o não confessasse.

Por esta causa pois, se eu tendo sempre achado em V. M. hum

tão benigno acolhimento, não continuasse a offertar-lhe o fructo de minhas fadigas literarias, o Mundo me taxaria de ingrato, e incensivel. He V. M., e depois toda a Nação illustrada, a que sabe pezar, e prezar o valor dos subterrados Escriptos dos nossos bons Antigos, que tanto com seus talentos enobrecêrão o Seculo em que existírão.

Os antigos Gregos e Romanos não se pejavão de fazer reviver muitos versos da sua antiga Barbarie, só porque estes contavão muitos centanares de annos.

E se a antiguidade, ainda que barbara, póde ter tanto valor, e estima entre estes dois Imperios tão illustrados, qual será a que devemos fazer dos bons Escriptos dos nossos sabios e antigos Portuguezes? He a Antiguidade, diz o grande D. Rodrigo da Cunha, o estudo mais digno dos homens de letras. A Real Academia das Sciencias nos

tem dado bem convincentes provas desta verdade, fazendo sahir das trévas da antiguidade preciosos Monumentos, que a mão do tempo suterrava no vaso do esquecimento. Os Portuguezes amantes da nossa linguagem (bem capaz de toda, e qualquer empreza literaria, por ardua, e sublime que seja) ficarião privados destes innepreciaveis thesoiros, se ella os não tivesse publicado.

Imitador pois de hum tão nobre exemplo, penetrado do mais puro, e cordial affecto, consagro a V. M. este presente Escripto, desconhecido até agora não só do Author da Bibliotheca Lusitana, e sabios do Reino, como ainda dos mais famosos Escavadores das Antiguidades Nacionaes. V. M. perdoará a tenuidade da minha offerta.

De V. MAGESTADE

O mais humilde, reverente, e fiel Vassallo

Antonio Lourenço Caminha.

VIDA DESTE AUTHOR,

Extrahida da Biblioteca Lusitana de Diogo Barbosa Machado.

DUarte Ribeiro de Macedo nasceó na Villa do Cadaval do Patriarchado de Lisboa, e na Igreja Matriz, dedicada á Conceição de MARIA Santissima recebeo a Graça Baptismal de 10 de Fevereiro de 1618, sendo filho de Fernando Duarte, e de D. Maria de Abreu A natureza benéfica o ornou de engenho agudo, e entendimento claro para brevemente penetrar as Sciencias severas, como forão a Philosofia, em que recebeo o grão de Mestre na Universidade de Evora, e na de Coimbra, o de Bacharel no

Direito Cesareo. Depois de servir com igual rectidão, que affabilidade, os Lugares de Juiz de Fóra da Cidade de Elvas, e Corregedor da Torre de Moncorvo, foi Senador na Relação do Porto, donde passou á Casa da Supplicação a 12 de Junho de 1666, e a Desembargador dos Aggravos a 11 de Fevereiro de 1668. O seu profundo talento cultivado com a lição da Historia Sagrada e profana, e nas maximas dos mais célebres Politicos, o habilitou para ser Secretario da Embaixada, que á Magestade Christianissima de Luiz XIV. mandou dar o Serenissimo Monarcha D. Affonso VI. por D. João da Costa, primeiro Conde de Soure, chegando á Côrte de París a 4 de Junho de 1659. Restituido a Lisboa em 13 de Novembro de 1660, foi elleito Enviado ordinario á França, onde no primeiro de Março de 1668 foi recebido na sua grande Capital com

particulares significações de alvoroço, pelas saudosás memorias que nella se conservavão da sua natural beneficencia, digo, benevolencia, e judiciosa conversação. Depois de assistir pelo largo espaço de nove annos nesta Côrte com este Ministerio, em que sempre zelou com grande vigilancia os interesses desta Monarchia, passou com o caracter de Enviado Extraordinario á Côrte de Madrid, onde desempenhou as obrigações de hum perfeito Ministro. Sendo mandado a exercitar o mesmo Ministerio na Côrte de Saboya, ao entrar na Cidade de Alicante, enfermou tão gravemente, que conhecendo ser chegado o termo da sua vida, recebeo com summa piedade os Sacramentos, assistindo-lhe em hora tão perigosa, por Director da sua consciencia, o Padre D. Rafael Bluleau, Clerigo Regular, Varão bem conhecido pelas suas obras na Republica das Le-

tras, até que placidamente expirou a 10 de Julho de 1680, com 62 annos de idade. Foi Cavalleiro da Ordem de Christo, Concelheiro da Fazenda, e do Concelho de El-Rei, insigne Poeta vulgar, elegante Historiador, ornado de hum estilo claro, e discreto, como se admira nas suas obras, que sendo pequenas no corpo, são agigantadas no espirito com que explica os seus conceitos, dos quaes os titulos se podem vêr na já citada Obra da Bibliotheca Lusitana, Tom. I., pag. 743, e que não copiamos por evitar prolixidade.

DISCURSO PRELIMINAR,

QUE SERVE COMO DE PROLOGO DESTA OBRA.

EM todos os tempos da Monarchia Lusitana forão sempre lidos os Discursos deste grande Portuguez como producções de hum Genio sublime, e raro.

Sobre o importante dos seus Discursos Politicos, que agora damos ao Público, recolhidos da melhor fonte original que possuio o Illustrissimo e Excellentissimo Marquez de Pombal, Sebastião José de Carvalho e Mello, disse o immortal Vieira o seguinte, Tom. 2., Carta 118, ao Conde da Ericeira: "O „segundo que pratiquei a S Ma- „gestade fez que mandasse passar „as Drogas da India ao Brazil, re-

,, ferindo como nelle nascião, e se
,, davão igualmente, e El-Rei D.
,, Manoel as mandára arrancar sob
,, pena de morte, para conservar a
,, India, como com effeito se arran-
,, cárão todas, ficando sómente a
,, Gengibre, da qual se disse discre-
,, tamente, que escapára por se met-
,, ter pela terra dentro, como raiz
,, que he. Consistia a utilidade des-
,, te meio, em que tendo nós no
,, Brazil as ditas Drogas, e sendo a
,, conducção dellas tanto mais bre-
,, ve, e mais facil, as podiamos dar
,, muito mais baratas que os Hol-
,, landezes, com que os ficariamos
,, destruindo na India. Respondeo
,, El-Rei, que lhe parecia muito
,, bem o arbitrio, e que o tivesse-
,, mos em segredo até seu tempo pe-
,, los embaraços com que de pre-
,, sente se achava. Estando eu em
,, Roma me escreveo Duarte Ribei-
,, ro de Macedo, de París, tivera
,, Carta de D. Francisco de Mello,

„ na qual lhe referia dizer a El-Rei
„ de Inglaterra, que só seu Cunha-
„ do, sem fazer guerra aos Hollan-
„ dezes, os podia destruir, mas que
„ não descobriria o modo, nem D.
„ Francisco, nem elle o sabião con-
„ jecturar, que se a mim me oc-
„ corresse o avisasse.

"Avisei-lhe o sobredito meio,
„ e elle o representou a S. Mages-
„ tade em hum papel particular, no
„ qual juntou a minha Carta, e es-
„ ta está tambem inserta no Regi-
„ mento do Provedor Mór da Fa-
„ zenda desta Bahia, a quem S. Ma-
„ gestade encarecidamente encarre-
„ gou a planta das ditas Drogas, e
„ ellas encommendadas com o mes-
„ mo aperto aos Vice-Reis, e Go-
„ vernadores da India, se vem tra-
„ zendo em todas as Náos planta-
„ das, e regadas, com que já hoje
„ ha no Brazil grande número de
„ arvores de Canella, como tambem
„ algumas de Pimenta. E este he o

„ negocio, ou arbitrio que tambem
„ tardou, mas não se desvaneceo,
„ sendo tão pouco subtil, que o en-
„ tendem aqui os Cafres, e o exer-
„ citão só com a enxada na mão. „

Até aqui, Vieira, não menos Theologo, e Orador insigne, que habil Politico, e grande entendedor dos generos lucrativos da Monarchia, como quem tinha analysado o Mundo com olhos philosoficos, e scientificos. Que feliz não seria o nosso Reino de Portugal, e que superioridade não levaria a todos da Europa, se nos tivessemos aproveitado dos dictames, dos sabios, e importantes dictames dos nossos bons antigos! Nelles encontramos tudo, sem que seja preciso mendigarmos instrucções externas. Só poderá negar esta verdade, ou quem carecer da sua lição, ou quem por moda (que em tudo domina, como senhora dispotica) despreze a lição Portugueza, e se encante com

a dos livros estrangeiros. Eu não acho mais nelles, do que encontro no grande Politico, e Mestre da Sciencia de Estado, D. Luiz da Cunha, a quem o sempre grande Marquez de Pombal chamava seu Mestre. A instrucção que este grande Genio fez para Marco Antonio de Azevedo Coutinho, para quando fosse Ministro de Estado, os Senhores Inglezes a reputão por hum chefe de obra, assim lhe chamava Mister Billi, hum sabio Inglez que communiquei com amizade. O Barão de Straford a traduzio para o seu Idioma, como preciosa, e digna desta canseira literaria. O que diremos das suas Memorias, das suas Cartas de Officios, e Familiares que possuo, como pedras preciosas, creadas em tão rica Mina! Tudo finalmente que tenho colligido deste raro engenho, encanta, e surprehende. E se as Obras deste raro engenho produzem este effei-

to na nossa alma, não lhe ficão inferiores as de Broxado, Taborda, Taroca, etc., e d' outros de quem podêmos dizer com o Principe dos nossos Poetas, em quem poder não teve a morte.

Que nos resta pois dizer ao nosso Leitor, e amante da nossa Literatura, senão, que os Escriptos deste grande Portuguez são dignos de todo o appreço, e estima, já pela sua nobre linguagem, já pela importancia das materias que tão sábiamente tratou.

A primeira idade de Portugal nos dá o exemplo da sobriedade com que se deve viver. O Reino era tão opulento e rico, que diz o Marquez de Pombal nas suas Cartas Apologeticas, que ministrava trigo para muitos Reinos da Europa. Cuidava-se da Agricultura, e não obstante o emprego das Armas, de cousa alguma careciamos dos Reinos Estrangeiros.

O Descobrimento da India (fonte inextinguivel de todas as Riquezas) foi quem transtornou os Portuguezes em hum estado differente daquelle, em que tinhão vivido seus Pais, e Avós. Tratou-se com desprezo a grossaria antiga. Trocárão-se os Cabides de Armas, em pannos de arráz, e as mullas, e cavallos em sumptuosas carruagens, e coches, e depois disto a introducção de Artes, e Sciencias que até alli ignoravão, os fez iguaes, por não dizer, maiores, que os mais illuminados póvos da Europa. As Virtudes Militares tinhão entre nós o mor grão de appreço, e estima. Lançados os Mahometanos dos nossos Lares, huma justa vingança das suas atrocidades fazia licito o direito da guerra, e da conquista, e esta foi a que nos levou a Africa, depois de sacudirmos o vergonhoso jugo do mais duro captiveiro. (1)

(1) Hist. de Africa, de Faria, e outros.

São quasi infinitos os Heróes Portuguezes que nestes tempos se assignalárão nas mais brilhantes acções militares. A arte terrivel de destruir os homens (fallo da guerra) se aperfeiçoa, e sente, e o nome Portuguez se escuta em todas as quatro partes do Mundo com admiração e espanto. Eis-aqui huma breve, porém verdadeira pintura das primeiras idades dos nossos bons Portuguezes, que a perda de hum Monarcha depois, e de toda a Nobrezâ do Reino despenhou no maior abysmo de malles, que mal póde a penna descrever. Eis-aqui como o já referido Marquez de Pombal magistralmente pinta este calamitoso tempo. "A decadencia de Portugal „ póde ser tomada des do tempo em „ que este Reino veio a ser parte „ dos Dominios de Hespanha. O seu „ Commercio foi tão destruido, que „ o número das suas embarcações foi „ rebatido de mais de duzentos ga-

„ liões; os seus Arsenaes, não ti-
„ nhão Provimentos , Artilheria,
„ nem Armas; mais de duzentas pe-
„ ças de bronze, e infinitas de ferro,
„ forão levadas para Hespanha:
„ houve tempo, em que se vírão na
„ grande Praça de Sevilha, nove-
„ centas peças, todas marcadas com
„ as Armas de Portugal, e forão
„ taes os tributos de dinheiro levan-
„ tados sobre este Reino, que se
„ calcula, que no pequeno espaço
„ de tempo, que vai de 1584 a 1626,
„ a Hespanha recebeo de Portugal,
„ para cima de duzentos milhões de
„ escudos de oiro, que era naquelle
„ tempo huma somma immensa.„

Neste estado se achava a Monarchia, quando subio ao Throno o Senhor Rei D. João IV. As guerras que consequentemente se seguírão para radicar de huma vez a nossa independencia, atrazárão o commercio, e a prosperidade do Reino, tanto he certo ser o commercio

a alma, e o espirito vivificante de huma Monarquia.

Nós seriamos felizes, e independentes, se adoptassemos o que os nossos bons Politicos nos deixárão escripto. O citado Marquez de Pombal instruido nas maximas do Governo, que elles nos dictárão, tendo achado o Reino no estado, em que o pinta nas suas judiciosas Cartas, trabalhou quanto nelle esteve, (estiado, e illustrado pelas grandes luzes do Senhor Rei D. José,) na prosperidade Nacional, e esta a causa porque o illustre Reinado deste Soberano (sem dúvida o mais illustrado do seu tempo) foi o que constituio ao Estado, huma innabalavel base para os Seculos futuros. Eu excederia os preceitos de hum Discurso Preliminar, se ousasse emprehender huma narração do que se praticou. Quando he que a Legislação se vio elevada a huma tão grande perfeição? Quando he

que as Artes, e as Sciencias, se vírão cheias de hum tal explendor, que fazião lembrar os Seculos dos Teives, dos Osorios, e Andrades? A Poesia, esta Divina Arte, que eterniza os Heróes crédores da posteridade, como se gravasse os seus nomes ínclitos no mármore, e no bronze, se vio coroada dos mais floridos mirtos, e ridentes loiros. Desejando o Bispo de Hipponia tanto vêr Roma na sua prosperidade, se acaso existisse neste tempo, admiraria a grandeza, e a Magestade Real, bem como no Seculo de Augusto, communicada a grandes, e a pequenos: seria a Magestade, torno a dizer, respeitada; os grandes conhecendo até onde chegão os limites da sua elevação, os pequenos amparados, e protegidos pelo Real Poder, finalmente todos dando graças ao increado Ente, pela felicidade em que vivião.

Ora esta prosperidade manifes-

tada nas sábias maximas dos nossos bons Politicos, não são impossiveis methafysicos na prática. Muitas cousas tiverão por invenciveis ao poder humano os Seculos obscuros, que os Sábios depois pozerão em prática, e effeito. Já se destruio, desvaneceo, e finalmente dissipou o prejuizo, de que os conhecimentos universaes erão innaccessiveis ao limitado espaço da vida. Depois que appareceo na Républica das Letras a nobre Hermeneutica, e as Sciencias se principiárão a estudar com methodo, e critério, conheceo-se que huma vida, inda ordinaria, bastava para que o homem se enriquecesse de todos os conhecimentos uteis, para servir o Rei, e ao Estado. Todos podem ser Sábios (diz hum grande Portuguez 1), Leibnitz faz vêr a possibilidade de hum homem enciclopedico. Quintiliano diz,

(1) Miranda Elog. do Marq. de Pombal.

que assim como as aves de seu natural possuem o dom de voar, e outros animaes mil dons, que pratição com espanto, e admiração; assim o homem enrequecido de hum celeste espirito que o anima, e aviventa, he capaz de tudo. E com effeito de que não he emprehendedora a nossa alma? Sendo bem dirigida, e encaminhada desde os tenros annos, diz Vieira? Que cousa existe sobre a face da terra, por árdua, e arriscada que seja, que não tenhão os mortaes tentado? Esta a causa porque disse Nante ser a alma a maior maravilha do Universo. Sua rectidão deixa vêr a grandeza de seu Author, e por isso disse o grande Newton que não podia existir Atheista, que Astrómono, que Anatómico fosse.

Até ao Seculo XVI. corremos emparelhados com as Nações mais cultas da Europa, e se alguem nos taxar de indouctos, respondo, que sa-

biamos o que era preciso, e necessario aos gloriosos fins a que nos propunhamos, ou por melhor me explicar, sabiamos ser Sábios.

Sem a experiencia do Mundo, e sem os conhecimentos do Astrolabio, descobrimos ás Nações Estrangeiras, na distancia de cinco mil leguas, a India Oriental, empreza, que os nossos avaliárão por temeraria, e os Estrangeiros por louca, e desacisada, ardendo em pura invéja. Até estes tempos foi fertil a Monarchia de bellos, e excellentes Escriptores, de que he irrefragavel Argumento a Bibliotheca Lusitana; a entrada ruinosa neste Reino de alguns espiritos sediciosos, fez que a nossa Litteratura decahisse do seu primitivo explendor. Não se póde ler sem horror a obscuridade destes tempos. (1) A Logica, que se estudava para formar juizos,

(1) Vide Deducçao Chronologica e Analytica, etc.

e raciocinios certos, era huma Arte, que só enredava o entendimento com futalidades, ensinando indirectamente a errar, e isto o que era senão ser completamente pedante? As Artes, e as Sciencias, passárão a ser sepultadas em hum longo, e profundo lethargo. Obscureceo-se o doirado Seculo de Augusto. Portugal pouca differença tinha da Africa dos nossos dias. A Medicina, esta Arte, mandada do Ceo para conservadora da vida dos mortaes, era inteiramente desconhecida em todos os seus ramos. A Anatomia, huma das suas partes tão essenciaes, se ignorava, e só apenas se fazião alguns ensaios nas entranhas de hum carneiro. Ignorava-se o gyro do sangue, o systema nervoso, e todas as mais funcções da Máchina, chefe de obra do Omnipotente.

Ignorava-se neste tempo a Chimica experimental, que tantas ver-

dades tem mostrado aos nossos olhos até alli vedadas, e escondidas pelo obscuro véo da ignorancia mais crassa. Conheceo-se, em fim, ser esta como hum farol luminoso, que ainda de longe com o seu explendor, mostra aos mortaes olhos, a vereda, e estrada certa para a Navegação do insondavel pélago das Sciencias. Ignorava-se neste calamitoso tempo o pezo do ar, hoje visivelmente demonstrado pelo soccorro da Peneumatica. Ignorava-se inteiramente a eletrecidade do fogo, o poder absoluto, e rápido deste elemento. Dessipou-se como pela raiz mil erros que graçavão a respeito do rayo, e do trovão, do phosforo, e do relampago, etc.

Ignorava-se finalmente a existencia do Vácuo, o regulado movimento da terra que habitamos, e no pasmoso Relogio das Esféras, a firmeza das brilhantes Estrellas; o movimento encontrado dos As-

tros, as razões mutuas do seu movimento rápido, a velocidade, e pezo dos Planetas. E por dizermos tudo de huma vez abertamente, ignorava-se o uso util dos Telescopios, por meio dos quaes consegue o Sábio aproximar os alongados espaços dos Ceos á terra, em que habita, a fim de sujeitar ás suas observações os movimentos do Universo visivel, e conhecer as prodigiosas Obras do Creador.

A Navegação era feita á vista da terra, não ousando engolfaremse no espantoso golfo do Occeano, chegando a falta de conhecimentos nauticos a tanto, que diz o nosso Livio Portuguez, João de Barros, que era Proverbio popular, *que todo o que montasse o Cabo de Naõ, ou voltaria, ou não.* A lingua culta de Athenas, se considerava inteiramente innutil para o progresso das Artes, e Sciencias; e a Romana se estudava por preceitos tão

longos, e confusos, que já mais se sabía; chegando a existencia de hum bom Philologo, a ser hum impossivel absoluto.

A Theologia, longe de ser derivada da fonte pura das eternas verdades, era hum aggregado de subtilezas falsas, e de sophismas rediculos, filhos todos de huma methafysica extravagante. A linha, onde deve terminar o Imperio da Authoridade Sagrada, e as raias até onde deve chegar o entendimento humano, de todo se invertia. A Astronomia Judiciaria (descredito da humanidade, e que tanto redicularisou a toda a Europa) era o seu maior apoyo, da qual se serviáo como de huma verdade infallivel. Neste absurdo viviamos enfatuados, como se as entranhas palpitantes das rezes, o vôo das aves, e os aspectos, e posições dos Planetas, podessem influir sobre a felicidade, ou infelicidade dos mor-

taes. A isto se ajuntavão os dias críticos, os annos climatericos, as horas, em que os influxos celestes, nos erão contrarios, e nocivos, as sinas, e fados, etc.

O longo, e dilatado gyro de hum cometa, aterrava os póvos, quando hoje se sabe ser o seu gyro oval, e que para preencher o seu gyro, muitos annos será de nós invisivel, porém aproximando-se aos nossos olhos, se deixa vêr, e admirar. Os Supresticiosos com o seu apparecimento, apadrinhavão as suas, digamos, Profecias, já publicando ser infallivel a morte de hum Principe Soberano, já a de hum Pai Commum do Christianismo, quando não passavão a asseverar, ser indício certo de grandes tempestades, e terramotos, e de outras mil cousas, que a escaldada imaginação lhe suggeria, e ministrava. Vieira chega a desacreditar-se com a persuasão destes appare-

cimentos nas suas Cartas; no qual se vê verificado o que diz o grande Quintiliano, fallando dos altos engenhos; *Summi enim sunt, homines tamen.* São grandes, (diz elle) mas são homens, e por consequencia sujeitos ao erro, e prejuizo. Depois que o peccado cahio no Mundo, a natureza humana ficou infectada pelo erro. Sómente hum judicioso criterio, he que he capaz de arrancar da mente humana tão arrastadas preoccupações.

A falta de conhecimentos scientificos em muitas Artes, e Sciencias, fizerão aos nossos antigos proferir mil affirmativas, que hoje se reputão erros palmares. Santo Agostinho chegou a pôr por Anathema, ao que affirmasse a existencia de Antípodas, quando hoje palmarmente se conhecem existir pela Navegação, e que obrigou dizer ao nosso Vieira o seguinte: lançárão os Portuguezes ferro, onde Santo

Agostinho não pôde chegar com o seu vasto entendimento. A Cidade de Deos, que corre com o seu nome, e que todos os Sábios de commum acordo, assentão ser apócrifa, he cheia de mil erros alheios de hum tão grande Santo.

Porém graças ao Ceo, que já se desfez a densa nuvem que cobria os nossos entendimentos! Já os homens pensão per si mesmos, guiados por sólidos principios. Os conhecimentos geraes se fixão, e radicão, a Authoridade Magistral fenece; passão os homens a fazer uso da mais nobre parte de si mesmos, qual he a razão; já pensão, discorrem, raciocinão, e analysão; vem a luz da evidencia, e estabelecem estradas fixas de se ir dar com a verdade até alli occulta, e encerrada em sophismas falsos, e rediculos, apparece finalmente a bella Philosofia. As Artes, e Sciencias, como ramos que dispontão deste

sólido tronco, gozão da substancia, que elle lhe ministra; o exame da gravitação dos corpos, passa a ser laboriosa empreza de abalisados engenhos; desvanecem-se os medos, e terrores panicos dos mais espantosos meteoros. Os mesmos quatro Elementos são examinados, e analysados com exacção. O ar se peza pelo soccorro da Peneumatica. Calculão-se as diversas vibrações dos córpos luminosos. Os mais miudos, e invisiveis insectos, se examinão pelo arteficio do Microscopio. A Fysica se cultiva, como indispensavel para a Mechanica. Pelo seu soccorro se descobrem mil verdades, que até aqui existião escondidas. Sabe-se completamente as leis da eletricidade.

Galileo descobre nos Ceos novos Mundos; assevera-nos a existencia das Luas de Jupiter, e das suas faces, e das de Venus. He elle quem deduz importantes, e occultas verdades As-

tronomicas. O Mundo ultimamente se admira, e a Rainha das Sciencias ensina de huma vez aos homens prostrados por terra, a adorar o seu Creador. Conhecem finalmente que as Sciencias humanas nos Seculos obscuros, não forão mais que enganos universaes, venerados cégamente como verdades Mathematicas.

A justa expulsão de espiritos sediciosos, que tanta ruina fizerão neste Reino, e seus vastos Dominios, (1) fez que as Artes, e Sciencias, protegidas por hum dos mais illuminados Reis, de nossos dias, e de seu Sábio, e vigilante Ministro, cobrassem o seu primitivo explendor. Eis-aqui como se explica o nosso Padre Antonio Pereira no Elo-

---

(1) Quando me vem á memoria esta época, me parece que vejo hum novo Mundo quando sahe do nada, e hum novo Sol que illumina o Reino todo, como fizerão os Medices illustrando a Europa.

gio dos Reis de Portugal: "Em
,, lugar dos Jesuitas expulsos, forão
,, instituidos para o mesmo ensino
,, de Grammatica, Rhetorica, e Fi-
,, losofia Racional, os Professores
,, Régios;,, e logo mais abaixo, e
ao mesmo respeito diz, "No anno
,, de 1772 reformou a Universidade
,, de Coimbra, publicando para isso
,, novos Estatutos, os quaes Estatu-
,, tos são principalmente encami-
,, nhados, a se ensinarem nella com
,, melhor methodo, e com melhor
,, gosto, tanto as Disciplinas maio-
,, res, como as menores. E quem
,, na sua coordinação merece os prin-
,, cipaes gabos, he o Doutor João
,, Pereira Ramos, que então era Pro-
,, curador da Corôa, e hoje de mais
,, a mais Desembargador do Paço.,,

Que ha mais a dizer nesta materia, que não seja alheio do discurso, que manejamos? A que são precisas as provas, quando a materia de sua natureza he manifesta-

mente util, e proveitosa? Por estes motivos pois, esperamos que o Público sensivel, e illustrado haja de proteger nossa fadiga Litteraria, sempre encaminhada a enriquecer a Nação de raros, e preciosos Monumentos, não esperando disto outro algum galardão que o nome de fiel patriota; pois vivo persuadido com o Sábio Ganganeli, que hum bom Livro, he patrimonio de todos.

OBRAS POLITICAS
DE
DUARTE RIBEIRO DE MACEDO.

Não sómente se deve servir á Religião, como tambem ao Estado, com obras muito mais, que com Orações.

Ganganeli, Carta 1.ª

DISCURSO I.

Diz-me V. S.ª que está lastimoso o Commercio do Reino; porque as nossas Mercadorias, por falta de valor, não tem sahida, e que os Estrangeiros para se pagarem das que méttem no Reino, levão o dinheiro. Mal he este, que pede remedio prompto; porque se continua, perder-se-hão as Conquistas, e o Reino. As Conquistas;

porque a sua conservação, he dependente do valor dos fructos, que nellas se cultivão, e se não tem valor, não tem gasto, nem se podem commuttar pelo infinito número de generos, de que os moradores dellas necessitão: o Reino, porque o dinheiro he o sangue das Républicas, e succede no Corpo Politico com a falta de dinheiro, o mesmo que succede no corpo physico com a falta de sangue. Sem dinheiro, e sem Commercio, poderão viver os homens; mas da mesma sorte que vivem os Indios no Brazil, e os Negros em Africa, dos fructos rusticos, e naturaes; mas sem Sociedade civil, que he o que os distingue das féras. Estes principios não necessitão de prova: passemos de examinar a natureza do mal á dos remedios.

Dizem os Politicos, que o mal procede do luxo, e das modas introduzidas no Reino, dos gastos

superfluos da Nobreza nos vestidos, nos adornos das casas, nas carroças, e no excessivo número dos creados; e que praticando as Leis sumptuarias as prohibições contra os gastos superfluos, não mettêrão os Estrangeiros no Reino mais que o necessario, e não sahirá do Reino o muito dinheiro, que por aquelle cano continuamente sahe. He muito boa razão esta, e foi praticada em todos os Reinos, e Républicas bem governadas. He doutrina derivada das fontes de Platão, e Aristoteles, seguida, e approvada de todos os Authores, e sobre que se fundárão várias Leis, que achamos no Direito Civil.

A Lei Papía regulava em Roma as côres, que as Damas honestas podião vestir, e taxava a quantidade de joyas, com que se devião adornar. A Lei Fábia limitava o custo dos banquetes, e a Lei Femilia o número dos pratos, com pe-

na, pela transgressão, não só a quem convidava, mas tambem aos convidados. A Lei Julia ordenava, que se não fechassem as portas, e as janellas das casas, em que se davão os banquetes, para que pudessem ser vistos, e examinados pelos Censores, cujo Supremo Tribunal foi creado a execução das Leis sumptuarias. He conveniente, e justo, que se pratiquem entre nós; mas o nosso mal he de qualidade, que não basta este remedio para curar-se.

Dizem os Mercadores, que procede este mal dos excessivos direitos que tem nas nossas Alfandegas as drogas do Brazil, e ainda as do Reino, que os Estrangeiros levão, e argumentão desta sorte: Os Estrangeiros não ganhão nos generos que levão de Portugal, senão nos que méttem, e hão de pagar-se delles, ou em fazendas, ou em dinheiro: he tambem certo, que levão aquillo, em que menos perdem, e

que levão o dinheiro, porque perdem menos nelle. Com que se diminuissem os Direitos nas Alfandegas, perderião menos nas fazendas, e as levarião antes que o dinheiro. Esta razão he muito boa; porque he certo que se os Mercadores perdem, por exemplo, vinte e cinco por cento no dinheiro, e vinte e quatro por cento nas fazendas, hão de levar antes as fazendas, que o dinheiro. Não reprovo esta razão, antes me parece digna de attenderse; mas tenho por certo, que não procede o mal deste principio, e estes ambos remedios não servirão mais do que de entreter o achaque sem o curar: cortaremos os troncos; mas como fica a raiz, ha de produzir os mesmos effeitos.

Commummente gritão todos, que se executem as Leis, que prohibem a extracção do dinheiro: que se visitem as Náos que sahem do Reino: que se castiguem capital-

mente os culpados neste delicto; mas este remedio he inutil. A experiencia o tem mostrado assim, e tambem a razão o mostra; porque os Mercadores Estrangeiros hão de pagar-se em fazendas, ou em dinheiro, e se as fazendas não bastão (como provarei) hão de levar o dinheiro, apezar de todas as prohibições, diligencias, e castigos: e daqui nasce, que deste unico remedio, não faço nenhum caso.

O primeiro remedio das Leis sumptuarias curaria o mal, se o dinheiro que nos levão fôra só o pagamento do que nos méttem superfluo; mas como he certo que não he só do superfluo, mas do necessario, não são aquellas Leis o remedio do mal, além de que: Que Leis destas vemos observadas? Se a vaidades dos homens se curára, facil execução terião aquellas Leis; mas como he quasi impossivel aquella execução, esta he a razão porque

Tiberio no Senado reprovava a publicação das Leis, que só servião de descubrir a impotencia das Leis contra aquelle vicio de muitos annos introduzido, como refere Tacito.

O segundo remedio de diminuir os Direitos nas Alfandegas, e o preço das drogas do Brazil, curaria o mal, se ellas fossem bastantes, para pagar aos Estrangeiros o preço de todas fazendas, que recebemos delles; como por exemplo: se recebemos oito milhões, e temos só quatro que dar em troco, necessariamente havemos de pagar o resto em dinheiro. Não he com tudo para desprezar este meio, por duas razões: primeira, porque se os Estrangeiros perdem mais em levar fazendas, do que em levar dinheiro (como affirmão os homens de Negocio) levão menos em dinheiro, tudo o que levarem de mais em fazendas, e drogas. A segunda razão

he, porque a falta do consummo dos nossos açucares não procede da carestia delles sómente, mas das Fábricas que os Inglezes, Hollandezes, e Francezes, tem nas Ilhas da America, e a diminuição dos preços dos nossos, junta com a sua bondade, lhes facilitava a sahida, sendo o seu inferior, e custozo; e por esta razão ouvi a muitos Estrangeiros, que por facilitarem o gasto dos seus açucares, os misturavão com os nossos.

CAPITULO I.

Qual he a causa da sahida do dinheiro do Reino.

O Commercio se faz, ou por permutação, ou por compra, e venda, trocando fazendas, e fructos por fructos, e fazendas, ou pagando a dinheiro. Deste principio sabido em Direito, se seguem tres estados de Commercio; primeiro, rico; segundo, mediocre; terceiro, pobre. O rico, he quando hum Reino tem mais fazendas que dar, de que os outros necessitão, do que tem necessidade de receber; porque pelo valor em que excedem as fazendas, e fructos, que dá ás que ha de receber, necessariamente recebe dinheiro. O mediocre, he quando tem fazendas, e fructos,

que dar em igual valor aos que recebe ; porque nem se empobrece dando dinheiro, nem se enriquece recebendo-o. O pobre, he quando necessita de mais fazendas, e fructos, do que tem para dar; porque necessariamente paga o excesso do dinheiro.

Nós estamos neste terceiro estado de Commercio, e esta he a unica causa, porque os Estrangeiros tirão o dinheiro do Reino: elles o confessão assim. O Marquez Durazo, Presidente de Genova, em París me disse, que o seu Commercio com Portugal se perdia; porque, mettendo em sedas, papel, e outros generos, muita fazenda, tiravão em açucares, tabacos, em maior quantidade do que podião gastar: donde se seguia, terem os armazens cheios destes generos, e se vendião em Genova a mais baixo preço, do que em Portugal; o que os obrigava a levar dinheiro com

risco de lhes ser tomado pelas nossas prohibições.

Os Inglezes só em tres generos, baetas, pannos, e meas de seda, e lã, deixando outros de menos conta, méttem no Reino huma somma inestimavel. Só em meas de seda, me disse hum Inglez prático, que gastava Portugal oitenta mil pares, que a quatro cruzados cada par, fazem trezentos e vinte mil cruzados.

O que tirão do Reino são azeites, que tambem levão de Italia, e sal, supposto que do de França se servem para o uso das cozinhas, e mezas: fructa de espinho, açucar, ainda que com pouca conta, pelo muito que fabricão nas suas Colonias da America: tabacos, com a mesma pouca conta, porque o cultivão nas mesmas Colonias: páo Brazil, e outras cousas de menos consideração. Dizem que tudo o que tirão, lhes não paga duas partes

do valor do que méttem: e daqui se segue, que não sahe Náo Ingleza do Porto de Lisboa, sem levar grande somma de dinheiro.

Os Francezes méttem grande número de tafetás, estoffos de seda, e lã. Samersão he huma Ilha junto á Rochella, onde se fabricão sarges, e estamenhas; vivendo deste trabalho mais de dez mil pessoas: e toda a sua extracção he para Portugal: chapéos, e fitas de toda a sorte, em quantidade incrivel, e chega isto a tanto, que até aos nossos alfayates, e çapateiros, tirão o sustento, mandando çapatos, vestidos feitos, telizes, botas, e até saltos de çapatos. Não fallo de hum grande número de bagatellas, de que não he o menor, as obras de pédras falsas, cabelleiras, relogios, caixas, espelhos, etc.

Tirão de Portugal páo Brazil, açucar, tabaco, com a mesma pouca conta que os Inglezes: algum

azeite; porque tem muito em Languedoc, e Provença: lãs, particularmente depois da guerra com Castella, e outras cousas de menos conta, como são fructas de espinho, cheiros, madeiras do Brazil, doces da Ilha da Madeira, marfim, çumagre: e tambem he boa droga para outras partes. Elles mesmos dizem, que tirão algumas cousas, mais por necessidade, que por interesse, não lhes sendo possivel levar tudo em dinheiro; e me consta que não vem embarcação, nem se retira Francez de Lisboa, sem trazer a maior parte do seu cabedal em dinheiro. Ha poucos mezes, que desembarcou hum na Rochella, e levando á Alfandega algumas caixas de açucar, de huma dellas tirou, á vista de todos os Officiaes, vinte mil cruzados em dinheiro. Hollanda, Suecia, e Hamburgo, méttem em dinheiro, todas as cousas necessarias para a fábrica das

Náos, como são pólvora, ballas, ferro, cobre, bronze, artilheria, e todas as obras de arame. Hollanda introduz grande quantidade de sarges, estamenhas, duquezas, particularmente grans, e o que mais lastima, as drogas da India: tambem da sua mão nos vem huma grande quantidade de obras de madeira, como são, armarios, e toucadores, as armações de Flandres, e as pinturas, e outros communs adornos das casas. De cousas que servem para sustento, nos méttem queijos, manteigas, e arrôz, etc. e os Francezes, e Inglezes, bacalháo; e nos annos esteriles nos vem de França, huma grande somma de trigo, e cevada.

A Hamburgo temos que pagar com sal, que he o fructo que lhe damos de melhor conta, açúcar, tabáco, e fructa de espinho; a Hollanda pagamos tambem com sal, drogas do Brazil, e çumagres, azei-

tes, e estes annos, levaráõ alguns vinhos do Porto, e outras cousas de menos conta. A Flandres pagamos com alguma pedraria, que para Anvers especialmente se extrahe a que temos; mas he certo, que não temos com que commutar tudo o que recebemos: são com tudo os Hollandezes tão senhores do Commercio do Mundo, que ainda que seja com pouca conta, tómão tudo o que lhe damos, porque dão extracção a tudo por meio da Navegação.

Tambem entre as cousas que nos méttem, he hum grande número de Livros de Lyão, Olandas, Cambraias, Ruões, e outras muitas cousas, de que os nossos Mercadores darão conta mais individualmente.

Entendo que Castella nos ajuda a pagar huma grande parte do dinheiro que sahe, porque he certo, que toda a Moeda Castelhana, que entra pelo genero que sabemos, sa-

he para as Nações Estrangeiras, e se busca, e troca a toda a diligencia em Lisboa, porque lhe achão melhor conta que ao nosso dinheiro.

Finalmente a melhor prova do muito que excede o que introduzem no Reino ao que tirão, será o exame que cada hum de nós póde fazer em si mesmo. Qual ha de nós que traga sobre si alguma cousa feita em Portugal? Acharemos (e não ainda todos) que só o panno de linho, e çapatos são obras nossas. Chapéos, já se desprezão os nossos, e não se chama homem limpo o que não traz chapéo de França, não digo já a Nobreza, e os Seculares, a que o luxo, e estimação errada, que se faz das cousas estrangeiras podia fazer desprezar as naturaes, mas os mesmos Religiosos se servem commummente todos de sarges, e pannos de fábricas Estrangeiras. Feito este reparo,

veremos facilmente que não temos drogas, fructos, nem fazendas, com que commutar esta prodigiosa consumpção que fazemos no Reino, e nas Conquistas.

CAPITULO II.

Este he o mesmo damno, em que tem cahido, e com que se tem empobrecido Castella.

FIz observação particular entre as riquezas de França, e a pobreza de Castella, discorrendo que França sem minas está riquissima, e que os particulares que tem sómente dois mil escudos de renda, são pobres; os gastos das mezas, os adornos dos vestidos, e das casas, e o fausto das carroças, passão a hum excesso incrivel. El-Rei tem quarenta milhões de renda; paga na guerra presente 160000 infantes, e 40000 cavallos. Hespanha tem minas, e recebe frotas carregadas de prata todos os annos, e está sem gente, e sem dinheiro, e

necessita de que a Europa toda se arme para defende-la de França. Isto não he cousa que a Historia nos deixasse escripto, he hum facto que temos diante dos olhos.

A razão desta differença he a do Commercio, e não ha outra. França mètte em Castella mais de seis milhões todos os annos em fazendas, e os retira em dinheiro, oiro, e barras. Só de roupas brancas de Bretanha, e Normandia dizem os Francezes que mèttem em Castella oito milhões de libras. Depois desta observação fiz este argumento: Todo o Commercio do Mundo se faz por commutação de humas fazendas por outras, ou por compra, e venda, pagando a dinheiro o que se recebeo em fazendas, e drogas: França manda a Castella seis milhões de cruzados em fazendas, e não necessita das drogas, nem das fazendas de Castella: logo faz o contracto por compra, e

venda, recebendo dinheiro, e daqui nasce a riqueza de França, e a pobreza de Castella.

Achei hum Tratado Hespanhol, intitulado = Restauracion Politica de España, composto por D. Sancho de Moncada, Cathedratico de Escriptura em Toledo, offerecido no anno de 1619 a Filippe III., o qual me confirmou nesta opinião com provas tão evidentes, e com huma tão lastimosa relação das miserias de Castella, que cuidei que se tivessemos a indústria de nos prevenir (á vista dellas), e de acudir com remedios aos mesmos damnos, que começárão a maltratar-nos, e caminhão a pôr-nos no mesmo estado, puderamos justamente exclamar com aquelle verso.

Felix, quem faciunt aliena pericula cautum.

Referirei algumas das Observa-

ções deste Tratado, e que servem a este discurso. Diz o Author, que no anno de 1619, em que escreve, tinhão entrado em Castella, cento e vinte milhões de ouro, de que não havia oitenta. Sommas ambas incriveis, a que ficou por pequena; e a que entrou por grande: e examinando a causa, refuta a razão dos que attribuem esta grande diminuição ás despezas com as guerras de Flandres, e Italia, porque prova que até áquelle anno se tinha despendido, confórme as remessas, e assentos, 300 milhões; concluindo em fim, que valem mais as Mercadorias Estrangeiras, que entrão em Castella, que as que sahem, 30 milhões, todos os annos. Farei menção de hum só exemplo dos muitos, que aponta o dito Author, que não serve pouco a este Discurso. De vinte lavadeiras de lãs, que diz havia naquelle tempo em Castella, sahião 500$ arrobas, que a tres

cruzados, importavão em milhão e meio; e mettião os Estrangeiros em differentes manufacturas de lãs sete milhões e meio: de sorte, que só neste genero, excedião seis milhões no que mettião ao que tiravão.

Da ultima consideração que fez no Capitulo passado, tira hum argumento infallivel. Não ha pessoa nenhuma em Castella, que ao menos, não gaste todos os annos seis cruzados em Mercadorias Estrangeiras; e havendo em Hespanha (não declara se comprehende Portugal) seis milhões de almas, fazem trinta e seis milhões todos os annos de gasto só com as fazendas, que servem ao uso de vestir: e elle confessa (e eu o creio) que diz pouco em dar a cada pessoa seis cruzados de gasto sómente.

Seria conveniente que Sua Magestade mandasse fazer a conta do que entra no Reino de Fazendas Es-

trangeiras, e o valor dellas, e do valor dos generos, e fazendas, que os Estrangeiros tirão, com distincção particular, para averiguar a verdade infallivel deste Discurso.

CAPITULO III.

Este damno não he antigo no Reino.

A Primeira, e mais visivel objecção, que se offerece a este Discurso, he que se do Reino sahem todos os annos copiosas sommas de dinheiro (como parece que prova o que fica referido) nos achamos já sem ouro, nem prata, porque no Reino não entrão em quantidade que iguale a somma que sahe em hum só anno; mas como não estamos ainda nestes termos, não deve ser esta a causa, nem deve sahir do Reino tanto dinheiro, quanto suppõe este Discurso.

A resposta não he facil, e cuido que ella confirmará o que temos provado. He necesssario considerarmos tres tempos no Reino. Primei-

ro. Antes que passámos á India. Segundo. Em quanto somos senhores do Commercio della. Terceiro. Depois que o perdemos, que começou na perda de Ormús, e acabou na de Ceilão.

No primeiro tempo não houve este damno, porque naquella idade, a que podemos chamar de ouro, não entravão no Reino Fazendas Estrangeiras, especialmente das que dependião da Arte; e como o Reino era mais abundante de fructos, e drogas, de que os Estrangeiros necessitavão, tinha muito mais que dar, do que delles recebia; e ainda que os preços erão vís comparados com os presentes, com tudo, a moderação daquella idade os fazia grandes; havia dinheiro para sumptuosas Fábricas, para grossas armadas, com que passárão á Africa os nossos Reis, e para sustentarem grandes exercitos.

He certo que então não entra-

vão no Reino Fazendas Estrangeiras, porque nos vestiamos com pannos finos de Portugal, e as Sedas (que não se fabricavão ainda) tinhão tão pouco uso, que El-Rei D. Manoel, no primeiro anno do seu Reinado, escreveo huma carta a Evora ao Conde de Vimioso, em que o o reprehendia de haver consentido que a Condessa sua mulher se vestisse de Veludo, e dá a razão nestas palavras — Porque o Veludo, Conde, he para quem he: os adornos das casas erão cabides de armas, sempre luzentes, e promptas para o exercicio da guerra. A maior despeza erão bons cavallos; nem coches, nem liteiras conhecia aquella idade. As Rainhas marchavão em mulas. Com este apparato recebeo a Rainha Dona Leonor a Princeza de Galles, quando trouxe a Lisboa seu filho para se recèber cóm a Infanta Dona Brites, que depois foi Rainha da Castella. Todos ouvi-

mos a nossos Avós, que o uso commum erão botas, as da Corte mais polidas que as do campo, e a este uso attribuião não se conhecerem naquella idade alguns achaques, que hoje se padecem. Destes exemplos estão cheias as nossas Historias, e tem copiosa noticia a Tradição.

No segundo tempo, que he o das Conquistas (glorioso sim, mas em que se perdeo a moderação dos primeiros seculos) abrimos as portas ás riquezas do Oriente, que fizerão o Reino abundante, e rico; e seguio-se o luxo, companheiro inseparavel da riqueza. Passou a ser desprezo a pobreza antiga, e foi necessario que a Casa de Vimioso vestisse de Veludo as creadas, que de primeiro fòra condemnado na senhora. Trocárão-se os cabides em pannos de raz, e as mulas, e cavallos em coches. Abrimos tambem as portas ás Fazendas Estrangeiras, e

mettêrão os Estrangeiros neste Reino tudo o que a arte, e luxo, tinha descuberto nos outros. Ainda assim nos não levaráõ dinheiro, porque como eramos senhores de todas as drogas, e riquezas do Oriente, tinhamos muito mais que dar, do que recebiamos; e daqui nascia ser Portugal o mais rico Reino, e Lisboa a mais rica Praça do Mundo, e andarem no Commercio della oitenta milhões no anno, em que El-Rei D. Sebastião passou á Africa.

O terceiro tempo, que he depois do Commercio da India, foi o em que contrahimos a enfermidade moral, que hoje padece o nosso Commercio; porque nós necessitamos de todas as cousas, que introduzírão as riquezas da India, com que as pagavamos; de que se segue, que pagamos em dinheiro aos Estrangeiros, e que excede o que nos dão ao preço das fazendas, e drogas que nos levão.

D. Sancho de Moncada, Author citado, se admira com razão de que haja dinheiro em Castella, porque assentando que della sahem todos os annos trinta milhões, e entrão só oito, ou nove das Indias, não devia já ter com que pagar ás Nações; mas a razão que acha, he o muito que tinha entrado nos primeiros annos daquelle Descobrimento, e he a mesma que podemos dar, fazendo a conta ao muito que tinhamos recebido, e conclue que Castella se ha de esgotar, e perder-se por consequencia. Oh! Queira a Providencia, que não seja castigo em nós a dilação do remedio, assim como parece castigo nos Castelhanos, e que nos livre da ruina que nos ameaça, assim como nos livrou da sua sujeição!

CAPITULO IV.

Qual póde ser o remedio deste damno.

SEgundo a differença que foi dos tempos, que considerei no Reino, parece que o remedio do mal do terceiro tempo, será reduzir o tempo ao primeiro, ou ao segundo; ou passar á moderação, com que se vivia, antes do Descobrimento da India, ou restaurada. Não ha dúvida ser bom este remedio, e tambem fora chimera propô-lo. Fora obrigar aos Romanos, no tempo dos Césares, a que se reduzissem ao tempo dos Curcios, e dos Fábios; fora digno de rizo o remedio que nos havia de obrigar a calçar unicamente botas, e a vestir os pannos das Serras de Minde, e da Estrella.

A mesma impossibilidade parece que tem a restauração da India em tempo, que não podemos aprestar duas Náos para aquelle Estado, aonde mandão trinta, ou quarenta as Nações bellicosas da Europa: esta grande obra fará Deos, quando o merecermos, ou quando for servido, se nos tiver escolhido para Restauradores; como he certo que nos escolheo para Descobridores, e Conquistadores. O remedio não he facil; mas não he tão difficil, como aquelles dois.

A Filippe III. se deo por remedio, para não sahir a prata, e oiro de Hespanha, subir a moeda, e augmentar o valor do oiro, e prata, apontando as razões verdadeiramente apparentes. Primeira, porque sendo levados dos Estrangeiros, como Mercadoria, que vale mais na sua Patria, que em Hespanha, subindo a preço que não valesse mais, não seria Mercadoria

para elles. Segunda, porque todas as Mercadorias, ainda metaes, como cobre, que vem do Norte, valem mais na parte, aonde se levão, que na parte donde sahem, por fazerem menos vinte por cento de custo no transporte; e que assim era conveniente que valessem mais em Hespanha, donde se trazem, que no Potosi donde se tirão; mas he inutil este meio, porque como se necessita de Fazendas Estrangeiras, os Estrangeiros são os Legisladores dos preços, e sóbem as fazendas que méttem, a preço, que iguale ao que subio na Moèda, e lhe fica com a mesma conta para a levarem.

A experiencia o tem mostrado entre nós, porque depois que a necessidade da guerra nos obrigou a augmentar o valor da Moeda, crescêrão os preços de todas as fazendas, e pagamos com huma pataca, que lave trinta vintens, a mesma

quantidade que pagavamos com dezeseis, o que obra, quando o Mercador tira dinheiro com a mesma conta que antes, sendo só nossa a grande perda que vai de dezeseis a trinta.

A prohibição, e as Leis que impedem a sahida do dinheiro, que já apontei, não ser remedio no Conselho de Castella, com huma razão apparente dizião, que se praticava assim em todos os Reinos visinhos, donde he certo, que os moradores não tirão dinheiro, e que se não dá maior razão para que estas Leis produzão o effeito para que forão estabelecidas nos outros Reinos, e não em Hespanha; porém a razão da differença he clara.

Os Estrangeiros tem fazendas, com que pagão todas as Mercadorias de que necessitão; o que obra, que as suas Leis tenhão facil execução, e as nossas difficil, e impossivel, porque não temos com

que commutar aquelle grande número das que necessitamos, e somos obrigados a pagar o excesso a dinheiro. Deste remedio usavão inutilmente os Castelhanos, porque prohibião a extracção do dinheiro, com infinitas Leis, e Pragmáticas reiteradas em todos os Governos, desde o tempo dos Reis Catholicos, até o presente, e em huma que publicou Carlos V. dá a razão nestas palavras — Por quanto los Francezes llevava el ouro, y con el nos hazen la guerra.

Finalmente o unico meio que ha para evitar este damno, e impedir que o dinheiro não saia do Reino, he introduzir nelle Artes. Não ha outra idéa que possa produzir este effeito, nem mais segura, nem mais infallivel.

CAPITULO V.

Prova-se a infallibilidade deste meio.

A Prova he evidente. As fazendas lavradas, que os Estrangeiros méttem no Reino, são as que unicamente fazem exceder o valor do que lhe damos em trôco, como fica dito: pela introducção das Artes, se evita a introducção das fazendas, que os Estrangeiros méttem no Reino, e teremos com que pagar as fazendas, e drogas que entrarem, sem que seja necessario pagallas.

Da maior, e da menor desta conclusão, se não póde duvidar; porém façamos mais verosimil a prova da menor. Todos sabemos, que a maior despeza, e gasto que

faz o Reino he de baetas, sarges, pannos, e mêas de seda, e de lã, etc. Sarges, gastão quasi todas as Communidades de hum, e outro sexo do Reino. Só os mantos das mulheres bastão para o consummo de huma grande parte deste genero. Todos no verão nos vestimos commummente de sarges, e de baetas, e não só nos vestimos todos, e as usamos nos luctos, mas somos os unicos que as gastamos em Europa. Mêas de seda, fica dito, que só á Inglaterra gastamos 80⨀ pares. Pannos, he uso commum de grandes, e pequenos em todo o Reino no inverno, e não só no Reino, mas em todas as Conquistas. Estes são os generos que os Estrangeiros navegão, de maior custo, e que o uso commum faz mais importantes no Reino, o que na verdade he cousa vergonhosa para as Nações de Hespanha, e Portugal. Supponhamos que obramos o que baste

para o uso commum do Reino, e Conquistas nestes cinco generos ordinarios de sarges, baetas, pannos, mêas, e papel, deixo á consideração de todos o que pouparemos de dinheiro, cujo gosto nos empobrece, e enriquece as Nações de quem as recebemos.

CAPITULO VI.

Se he facil no Reino a introducção das Artes.

OS Authores reduzem as Mercadorias, que dependem de Arte, a tres classes, a saber: humas tem metade de obra, e metade de materia, como são sedas; outras tem huma parte de materia, e duas de obra, como são linhos, algodões, lãs, e obras de ferro; outras tem todo o valor, pela fábrica, pelo pouco que vale a materia, como são algumas obras de madeiras, e particularmente papel.

Destas são as mais necessarias para a Républica as da segunda, e terceira classe, por duas razões; primeira, porque são os do uso mais commum; segunda, porque tendo todo o valor na obra, dão

mais ganho ao Artifice, que o bom Governo, deve procurar que fique aos naturaes, e não passe aos Estrangeiros. Outra differença se considéra nestas Artes: humas são faciles, e outras difficultosas de obrar; as mais faciles são as que não tem valor que iguale ás difficeis, como são pannos, sarges, baetas, etc. as mais difficeis são sedas lisas, e lavradas, brocados, tapeçarias, etc.

As do uso commum são as mais faceis de obrar, e mais necessarias ao Reino; e as que inculco para o fim a que se dirige este papel. Não digo, que se procure a introducção, e fábrica dos mais difficeis, e que façamos logo Fábricas de brocados, papel, e outras cousas semelhantes, supposto que fôra utilissima a introducção de todas, como mostra este Discurso.

A introducção das Artes, que são mais commuas, he mais facil

nas terras, onde ha materiaes, que nas onde faltão, por consequencia mais facil será entre nós, do que entre os Estrangeiros. Todos sabemos que no Reino, e nas Conquistas ha grande abundancia de lãs, linho, algodão, e todos os materiaes, e drogas que servem para tintas; porém não ha abundancia de seda, por falta de applicação ao seu cultivo, como direi em outro lugar.

Carlos V. costumava dizer, que os Hespanhoes parecião sisudos, e erão doidos, e os Francezes parecião doidos, e erão sisudos. A razão desta differença he clara. Os Hespanhoes tem todos os materiaes, e desprezão as Artes; e os Francezes não tem os materiaes, e estimão as Artes. Os Hespanhoes tem lã que vendem aos Francezes, e depois comprão as obras de lã aos mesmos, com mais dez partes de excesso do valor, do que a materia

que vendêrão. Quem não dirá que esta Nação he bárbara, e aquella civil; esta louca, e aquella sisuda?

Por onde se deve começar para a introducção das Artes, he com a prohibição rigorosa de sahirem do Reino os materiaes, que se pódém lavrar nelle; além de que a sahida das lãs perde infallivelmente, as poucas Fábricas que ha de pannos por huma razão evidente. He certo qne a abundancia das lãs, as fará dar a melhor preço, e a falta, as fará valer mais caras. Se os nossos Artifices as acharem baratas, poderão dar os pannos a melhor conta, e pelo contrario, se não as acharem a bom preço: daqui se segue que compraremos mais baratos os pannos aos Nacionaes, do que aos Estrangeiros, e pelo contrario, faltando aos Nacionaes o gasto do que obrão, deixão de obrar, e se perdem as Fábricas, que he o

mesmo que succedeo aos Castelhanos, como veremos.

Ponhamos o exemplo no panno de linho: este he o unico material que se fabríca no Reino, e não sahe delle, e daqui vem, que temos panno de linho, não só para commum gasto do Reino, mas para vender a Castella, e para mandar ás Conquistas. Não sahir esta materia do Reino, e gastarem-se as obras que della se fazem, he causa de que toda huma Provincia (Deos lovado!) se applique ás obras de linho. Isto mesmo succederá com a lã, senão sahir do Reino, se houverem Artifices para obrarem os generos, que aponto, que necessariamente hão de ter gasto, teremos não só o que baste para o Reino; mas para darmos a Castella, e mandar ás Conquistas.

Já por uso, e Lei do Reino se dá Privilegio por dez annos, isenção de Direitos a qualquer Artifi-

ce, que inventar alguma Fábrica nova. Lei justa, e util: e porque os Prémios, e Privilegios tudo facilitão, depois de haver Artifices, será conveniente cuidar em premiallos, o que se póde fazer gastando a Fazenda Real mil cruzados nos primeiros annos de pensão aos Artifices, que melhor obrarem este, ou aquelle genero, e Ordenando Sũa Alteza, que para os Dotes da Misericordia sejão preferidas as moças que fiarem lãs, e obrarem mêas, e fittas, etc. Tambem falicitará a escolha dos lugares abundantes de aguas, e lãs, deixando para a Provincia do Minho, Comarca de Lamego, e algumas Terras da Provincia de Tras-os-Montes, o trabalho do linho, e da seda, que nella se continua. Deixo para outro lugar outros meios, que vi praticar em França.

CAPITULO VII.

Se tem inconveniente esta introducção das Artes.

O Primeiro inconveniente que se considéra, e que he commum entre os nossos Ministros, he dizer, que se introduzimos as Artes, não terão sahida as nossas drogas, que os Estrangeiros buscão a troco das suas Manufacturas, e perderemos as Conquistas, que só com a sahida dellas, se conservão, e a Fazenda Real o Direito das Alfandegas: e anda tão attendida esta razão, que se tem por odiosa a prática de introduzir as Artes na opinião de muitos; mas deixando para outro lugar as felicidades, que com ellas se introduziráõ no Reino, e sup-

pondo que póde ter inconvenientes, respondo a elles.

1. Que he necessario examinar qual he maior damno, se continuarmos no estado presente, que nos esgota o Reino de dinheiro, e nos deixa as drogas, ou diminuir a sahída das drogas, pela introducção das Artes, que he só o remedio que temos para impedir a extracção do dinheiro, ouro, e prata do Reino.

2.º Eu não digo que introduzamos tantas Artes, que não necessitemos dos Estrangeiros, supposto que sou de opinião contraria, digo só por agora, que introduzamos as mais necessarias, e as que tem uso commum, e bastaráõ as que ficão para se commutarem pelas nossas drogas, e fazendas que temos para dar. Por exemplo, se temos quatro milhões em drogas, e fazendas que dar, e necessitamos de receber oito, introduzamos as

Artes que valhão os quatro, que he este, como fica dito, e provado o unico remedio, que temos para conservar o dinheiro, e com esta conta, que não será difficil, cessará a razão do temor deste inconveniente, e se achará; que não só o não he; mas que he muito necessaria, para remedio do Reino, e introducção das Artes.

3.° He falso o principio, que depende da falta das Artes a sahida das nossas drogas; porque se facilita, ou difficulta por outro principio mais natural, que he a necessidade que os Estrangeiros tem dellas. Se necessitão dellas, a abundancia das Artes não as ha de difficultar. O exemplo tem passado por nós: ha alguns annos que o açucar, e tabaco tinhão muita sahida, porque só nós he que tinhamos abundancia destas drogas, e todos necessitavão dellas. Fizerão as Nações Fábricas de açucar, e

tabaco nas Ilhas da America, e faltou a extracção, porque não tiverão necessidade destas drogas; donde se vê, que nem a falta das Artes foi a causa do muito gasto, nem tambem a introducção das Artes, do pouco. . . . . .

Outro principio ha tambem para facultar, ou difficultar a sahida das nossas drogas, que he o havellas em outra parte a melhor preço, que he o meio de que usão os Hollandezes em toda a parte do Mundo, e com que se conservão senhores do Commercio.

Tambem a muita abundancia destes generos póde ser a causa, ainda que todos necessitem delles; porque se bastão para a Europa cincoenta mil caixas de açucar, e nós lavramos 100$000, necessariamente ha de faltar a sahida a 50$000, sem que a introducção das Artes, seja culpada nesta falta. Isto succede commummente em todos os

fructos da terra, em que ha huns annos de maior abundancia, que outros, como são as nossas drogas, que em huns annos se gastão todas, e em outros sobejão, porque ha mais do que se podem gastar.

4.º Se não tiverem sahida as nossas drogas, porque faltárão os Estrangeiros a virem buscallas, ou pela introducção das Artes, o que não poderá ser, ou porque as tem entre si, nós as navegaremos aonde elles as navegão, porque, em fim, nós lhe ensinámos a Arte de Navegar; e assim supriremos a falta de sahida para as nossas drogas; pelo excesso que levão na bondade ás dos Estrangeiros.

CAPITULO VIII.

Prova-se que não tem inconveniente, pelo exemplo das mais Nações da Europa.

A Providencia Divina, cuidadosa da mutua correspondencia dos homens, e da Sociedade Civil das Nações, não deo a huma só os Bens da Natureza; repartio por todas ellas a producção pela diversidade dos climas, para que a necessidade, que huns tem do que os outros produzem, facilite o Commercio, e o Tracto entre os homens, levando huns, e trazendo outros, o de que necessitão todos.

Daqui se segue, que não há Provincia tão abundante, que não tenha necessidade dos fructos alheios; e nenhuma tão pobre, e tão esteril,

que não tenha que mandar ás abundantes; mas a Industria, e a Arte repartio igualmente a todas as Nações, fazendo a todas capazes das Operações da Arte, e se faltão em algumas, he por falta do uso, e da Policia, e não da capacidade.

Temos o exemplo em Alemanha, onde hoje florecem as Artes, e que era no tempo em que escreveo Tacito, tão inculta, e bárbara, como sabemos que he hoje a America, e Ethiopia.

Daqui se segue, que será castigo, e não disposição da Providencia, a menor applicacão que humas Nações tem, mais do que outras, ao exercicio das Artes Mechanicas: mas deixando as moralidades, a que dava occasião este reparo, digo, que aquella distribuição da Providencia segura entre os homens a sahida de todos os fructos, de que tem abundancia, pela commutação dos de que tem falta; e que as Ar-

tes, ainda que sejão communs a todas as Nações, não podem impedir, nem ser damnosas ao Commercio. Està he a razão porque todas as Nações bem governadas procurão ter abundancia de Artes, sem que nenhuma tema o receàdo damno, de que as Artes lhe serão contrarias ao seu Commercio. Vejamos o que ellas praticão.

Inglaterra, e Hollanda não tem sedas, porque a Natureza negou esta producção aos seus climas, e assim as recebem das Terras que as produzem, mas o que a Arte põe em obra, destas materias, procurão cuidadosamente ter em abundancia; porque se as fossem buscar lavradas para seu uso, custar-lhes-hião muito mais, do que valem as fazendas, e drogas que commutão por ellas.

França não tinha seda, mas era capaz de a produzir, vinhão-lhe de Italia as roupas de seda para seu

uso. Henrique IV., não menos glorioso por esta obra, que pelas victorias que conseguio, fez plantar as Amoreiras, e criar os Bichos, e chamou á França com grossos salarios, Mestres Estrangeiros de differentes partes, introduzindo esta Fábrica em França, de sorte que he hoje esta Arte huma das melhores, e de que se tira huma grandissima utilidade. O Marquez de la Riviere, Residente de Genova em París, me disse, que antes de haver as Fábricas de seda em França, tinha Genova dois mil teares, e que hoje tem sómente quatrocentos. Li em hum Livro impresso em París no anno de 1655 o Decreto de Henrique IV. sobre a introducção da Fábrica da Seda, e achei nelle todas as razões, em que se funda este Discurso. As palavras são as seguintes, traduzidas fielmente no nosso Idioma.

"El-Rei no seu Concelho, re-

« conhecendo que a introducção das
« Sedas nas Terras do seu Domi-
« nio, he o unico remedio para evi-
« tar a sahida de quatro milhões de
« ouro, que todos os annos passão
« ás Nações Estrangeiras pelas Se-
« das; que era necessaria esta Arte
« para o decóro público, e para ri-
« queza, e occupação de seus vas-
« sallos, Ordena, etc. »

Os Venezianos são tão cuidadosos de que tudo o que a Arte acha de novo fóra de Veneza, se obre na sua Républica, que no mesmo tempo prohibem a entrada das novas manufacturas, e procurão Artifices dellas, porque tem por felicidade, e riqueza, que os Estrangeiros não levem ao seu Estado cousa alguma que dependa da Arte, e nelle possa fabricar-se. O ultimo exemplo são as cabelleiras, cujo uso prohibírão, excepto as que se obrassem em Veneza.

Em França ha hoje este mesmo

cuidado. Vierão no meu tempo a París humas rendas de Italia, a que chamão ponto de Veneza, começárão a ser móda com grande despeza della, acudio o Governo com grande remedio, introduzindo a Arte a todo o custo, e prémios a quem melhor obrasse, e prohibindo a entrada com tal rigor, que se queimavão em Praça Pública as que se achavão nas casas dos Mercadores, de que resultou huma grande utilidade, e abundancia, de sorte que, sahem hoje de França por Mercancía.

Os Genovezes observárão á pouco tempo que os pannos de Inglaterra, e Hollanda lhe tiravão o dinheiro da Républica, introduzírão huma Fábrica delles, emprestando a Républica, aos Officiaes, e Mercadores, a quem a encommendarão 150000 escudos. Tiverão industria para tirarem obreiros de Inglaterra, e se achão já com tantos pannos,

e tão finos, que os navegão, com grande utilidade, á Turquia.

A grande riqueza de França procede unicamente de que, tendo muitos fructos necessarios que dar ás outras Nações, procurão ter todas as Artes que lhes faltão, para que o dinheiro que entra pelos fructos não saia pelas Artes, e passa este cuidado a tanto, que El-Rei manda Francezes a Escólas de Pintura, e Escultura á Lombardia, e Roma; dando aos Mestres que os ensinão grossas pensões.

Grossio, Embaixador de Hollanda em França, deo a El-Rei huma Memoria, em que por miudas addições do que mettião os Hollandezes, e do que tiravão de França, mostrava que era tal o valor dos fructos que tiravão, que introduzindo muitos, erão ainda assim obrigados a metter dez milhões de libras em dinheiro, porque nada, ou pouco do que depende da Arte,

mettião; e perguntando eu como recuperavão aquella grande somma, me disse, que com o grande interesse que tiravão de navegar os mesmos fructos ao Mar Baltico, e ao Porto de Archangel em Moscovia.

São infinitos os exemplos, com que pudéra provar este Capitulo; mas estes bastão para que perguntemos a nós mesmos, como poderá ser damnoso ao Commercio o que serve de utilidade a todas as Nações, e procurado cuidadosamente de todas, como base fundamental de sua riqueza, cuido que não acharemos razão contraria, e que veremos que o nosso descuido neste particular, he o damno unico do nosso Commercio, que, como febre hectica do Corpo da Républica, nos consomme, e perde. Queira Deos que me engane!

Deixei para o fim da primeira parte deste Discurso o advertir,

que os Estrangeiros entendem tão claramente a perda que terão da introducção das Artes neste Reino, que mandando eu de París hum Mestre de Chapéos de Castor, a Lisboa, por Ordem do Marquez de Fronteira, o Consul de França lhe offereceo o perdão de hum delicto que tinha em França, mais huma pensão de 200$ réis, com o que o fez tornar para a sua Patria. Do mesmo modo succedeo com D. Francisco de Mello, o qual pertendendo mandar de Londres hum tear de mêas de seda, não pôde vencer as difficuldades, e prohibições, com que o impedírão.

SEGUNDA PARTE.

PArece que fica provada a grande, e indispensavel necessidade que ha, de introduzir, ao menos, as Artes necessarias no Reino; que não he difficil esta introducção; e que são errados os inconvenientes que se lhe considerão: mas se os grandes males, a que esta falta nos expõe, não bastarem a persuadir-nos a buscar-lhe os remedios, bastem as grandes felicidades que se seguirão ao Reino, inextimavel cada huma ao bem público.

1.ª Que a introducção das Artes em commum evitará o damno, que fazem ao Reino o luxo, e as modas.

2.ª Que tirará a ociosidade do Reino.

3.ª Que o fará povoado, e abundante de gente, e fructos, e poderá, sem que lhe faça falta, ter gente para as Colonias, e para as guerras.

4.ª Que a Portugal, mais que a outra Nação da Europa, he util, e necessaria a introducção das Artes.

5.ª Que as Rendas Reaes se augmentaráõ.

Cada huma destas cinco proposições, só per si executadas, parece que bastará para fazer o Reino feliz; e sendo certo que com a introducção das Artes se executão todas, quem não dirá que das Artes depende a felicidade do Reino? Vejamos as provas.

CAPITULO I.

Que a Introducção das Artes, evitará o damno do luxo, e das modas.

EM primeiro lugar desejo a moderação no uso de vestir, e nos adornos das casas, e que nos regulasse nelles, não a abundancia, e vaidade; mas o concerto, e modestia. Para esta moderação dérão preceitos os Philosofos, e Jurisconsultos, e, o que mais para nós he, os Padres da Igreja Conselho; porém como a ambição, e a vaidade são vicios quasi naturaes da nossa condição, os Conselhos, e os Preceitos obrão pouco com nosco. Daqui se segue, que o Reino terá grande interesse de que ainda que haja luxo, e gasto superfluo no ves-

tir, e adornar as casas, não seja damnoso ao Reino.

O damno do Reino não consiste em que cem particulares mal governados gastem o Patrimonio em adornos, e vestidos, se da fazenda que estes gastão, se sustentarem outras tantas familias no Reino; o em que consiste o damno, he em que a fazenda, que o máo governo de huns consome, e dissipa, seja alimento, e utilidade dos estranhos. As Artes obrão, que aquelle damno particular de huns seja utilidade de muitos no mesmo Reino; e a falta dellas, que aquelle damno seja communicavel a todo o Reino: a razão he facil de achar. Se todas as manufacturas, e fazendas que consomme o uso immoderado dos vestidos, e adornos das casas, são obradas no Reino, nelle fica o custo dellas repartido por tantas mãos, quantas são as por onde correm aquellas fazendas até

a Tenda do Mercador; porém se são Obras Estrangeiras, lá vai parar o dinheiro, e lá sustenta aquelle grande número de gente com a riqueza, que pudéra ficar no Reino.

Mais me atrevo a dizer. Em hum Reino rico, e com Artes, não só he util aquelle appetite, ainda que seja immoderado, de vestir custosamente, e adornar ricamente as casas, mas he necessario, e conveniente. Valério Maximo o tem por huma especie de liberdade: *Quid opus libertate, si volentibus luxu perire non licet.* Liv. 2. Cap. 9. Proverb.

O dinheiro nos Reinos tem a qualidade de sangue no corpo humano, que alimenta a todas as partes delle, e para isso anda em huma circulação perpétua; de sorte, que não pára, senão com a total ruina do corpo. Isto mesmo faz o dinheiro, porque tira das mãos dos

pobres a necessidade, pelo appetite, e vaidade dos ricos. Pelas Artes passa aos Mercadores, dos Mercadores a todo o genero de Officios, e mãos, por onde correm os materiaes, que põe em obra a Arte. Destas mãos ás dos Lavradores, pelo preço dos fructos da terra, para sustento de todos. Dos Lavradores aos Senhores das fazendas, e das mãos de todos pelos tributos, ao Patrimonio Real. Deste sahe outra vez pelos Ordenados, Tenças, Soldos, Armas, Fábrica de Náos, de Edificios, e de Fortificações, etc. Quando esta circulação do dinheiro se faz no Reino, serve de alimento a todo elle; porém quando sahe do Reino, faz nelle a mesma falta que o sangue, que se tira do corpo humano. Este exemplo não tem nada de ficção, nem de adorno, he tão natural, e visivel, como direi em outro lugar.

Supponhamos que hum Principe

enthesourou todo o dinheiro, que lhe tributa o seu Estado, he certo, que em poucos annos o esgota, e que faltará aos pobres, e ricos, com que o tributar, e alimentar-se: esta he a razão porque os Politicos aconselhão aos Principes, que não tendo em que gastar, e não sahindo de Minas o seu Thesouro, fabriquem Palacios, porque para o dinheiro entrar nas mãos do Principe, he necessario que saia. A Providencia Divina tambem acudio a isto, e não quiz que se accumulassem todos os bens em huma só mão; porque ordenou que se repartissem por muitos. Ordinariamente vêmos, que o filho do avarento he pródigo, e que divide, e dissipa este o que ajuntou a ambição do pai.

Daqui parece que se segue que não são damnosos ao Reino o luxo, e a vaidade dos gastos no vestir, e adornar as casas, quando

as Fabricas, que servem a este uso, são obradas no mesmo Reino, antes he utilidade; porque obra, que o dinheiro sirva de alimento a muitos.

CAPITULO II.

As Artes evitão o ocio.

A Ociosidade he o inimigo maior, e o mais perigoso dos Estados. Em Áthenas condemnárão os ociosos com pena de morte. O Imperador Valente com a perda da liberdade. Salustio aconselhou, como primeira necessidade do Governo, buscar em que occupar os homens. Cicero affirmava, que durou a gloria de Roma, em quanto se observárão as Leis contra a ociosidade. Marco Antonio mandava, que todos os homens trouxessem sobre si hum signal da profissão, que tinhão; e quem o não trazia, era condemnado a servir nas Obras Públicas. Nação houve entre a qual se não dava de cear aos

moços, que não mostrassem o trabalho, em que havião occupado aquelle dia. Entre os Egypcios houve Lei, que obrigava a cada hum dos homens a mostrar aos Magistrados o de que vivêra, e em que se occupára aquelle anno.

Passou da antiguidade aos nossos tempos tão approvado este modo de governo, que Filippe II. condemnou os ociosos a galés. Os Chinas não consentem hum só ocioso, e buscão occupação até para aquelles homens, a quem as enfermidades podião isentar legitimamente do trabalho; porque os que não tem mãos, trabalhão com os pés, e os que não tem pés, trabalhão com as mãos, até os cégos trabalhão, e de sete annos de idade buscão em que exercitar os Meninos. A esta imitação ha em París hum Hospital, em que recolhem os mendigos, e a todos dão occupação. Em Amsterdão são suspei-

tas, como deshonestas, as mulheres ociosas, de qualquer qualidade que sejão. Este he o vicio da ociosidade; e he para admirar, que não tenha entre nós pena especial. Bem considero, que ha entre nós muitos ociosos, porque não tem em que trabalhar, especialmente as mulheres na maior parte do Reino, e que a quem lhes condemnar a ociosidade, podem responder com os Obreiros do Evangelho: *Nemo nòs conduxit.* Com a introducção das Artes não poderáõ dar esta resposta os ociosos; e a Républica, dando occupação aos Vassallos, tem direito para castigar a ociosidade delles.

Se toda a lã que ha no Reino, se lavrar no mesmo Reino, dará sustento, e occupação a infinito número de gente, o que facilmente vê quem lança a consideração ás muitas mãos, que se occupão em cardar, fiar, tecer, e tingir esta

materia, que vendemos crua aos Estrangeiros, e depois de fabricada aos muitos homens, que se occupárão, e vivêrão do Contracto della.

Já disse, que só em Samersão, se sustentavão, e vivião da Fábrica das Sarges, mais de dez mil pessoas, cujo gasto passa unicamente a Portugal. Só de fitas ha em París mil e quinhentos Mestres, e alguns que tem a dez teares, porque os Mestres não fazem mais, que armar os teares; e contando seis obreiros a cada Mestre, se acha que occupa esta Fábrica nove mil pessoas, sem contar os muitos Tendeiros que as vendem, e os muitos homens de Negocio, que as comprão, para as mandar a differentes partes.

O Padre Antonio Vieira me disse, que conhecêra hum Mercador Genovez, que dava seda em Genova, e pagava a duas mil mulheres, que por sua conta fazião mêas de agulha.

Os Portuguezes he a Nação mais habil para as Artes mechanicas que tem Hespanha, e os Estrangeiros confessão, que são os que melhor, e mais facilmente os imitão. No Reino não faltão officiaes daquellas Artes, cujas obras se não recebem dos Estrangeiros, como são Pedteiros, e Carpinteiros, e outros de que ha tanta quantidade, que hum grande número delles possa trabalhar, e ganhar sua vida em outros paizes, e especialmente em Castella. Da mesma sorte haverá abundancia de officiaes, e obreiros em todas as Artes, que de novo se introduzirem, e se occuparáõ nellas todos aquelles, que a necessidade, ou falta de emprego faz sahir da sua Patria.

CAPITULO III.

As Artes augmentão o número da gente, e se povoará o Reino.

O Número dos Vassallos, e a numerosa povoação dos Reinos, he a maior felicidade delles, e o fundamento mais sólido da sua conservação; como pelo contrario, tudo falta aos Estados, onde falta gente. Esta he a felicidade que promettia Deos ao seu Povo pela boca de hum Profeta: *Dux ego convertar ad vos, et multiplicabo in vobis*; e pelo contrario, quando lhe propõe castigos, lhe diz: *Remanebitis pauci numero.*

Roma, e Áthenas, entendêrão que toda a sua grandeza consistia na cópia numerosa de Cidadãos. Assim o lêmos nas Politicas de Aris-

tóteles, e Platão, nos Decretos dos Imperadores, e no Conselho de todos os Legisladores de huma, e outra Cidade.

He grande este unico bem dependente das Artes; póde bastar por prova a experiencia do que vêmos nos Reinos visinhos. Hespanha he maior na extenção de terra que França, e igualmente abundante, e fertil; mas na povoação he tão desigual, que no anno de 1620 contava Hespanha seis milhões de almas, e França quatorze. Dirão que isto procede da fecundidade das mulheres, muito maior nas terras quentes. Se isto assim fôra, Polonia que he maior que França, tivéra mais gente, o que não he assim. A differença só consiste em que França tem mais Artifices, e mais Artes que Hespanha, e Polonia.

Hollanda he huma pequena Provincia, cuja terra he só abundante de pastos, defendida contra as in-

nundações com hum contínuo trabalho de vallas, e diques, e possuida desta sorte, como em precário; mas he tão povoada, que se não acha outra em igual distancia, com igual número de moradores, e quem comparar nelles os Artifices com os Lavradores, achará vinte Artifices para cada Lavrador.

O pequeno Estado de Genova he a parte de Italia, em que ha mais gente, em igual distancia de París, e commummente se sabe, que o seu mar não produz peixes, e os seus montes nem lenha produzem, e são as Artes que a sustentão, muito rica, e povoada de sorte, que he esta a terra de lavor, tão celebrada dos Authores Latinos, e tão abundante dos bens da natureza.

Ha sessenta e quatro annos que as Fábricas da Seda se introduzírão em França, e no decurso delles crescêrão mais de metade do número de casas, e moradores, as Cida-

des de Lião, e Tours, as Villas de Sancto Estevão, e S. Chaumont.

Vêmos, em fim, por experiencia, que as terras que mais florecem são as mais povoadas; vejamos a razão.

Londres he huma das Cidades populosas da Europa; mas a maior parte dos seus moradores são Artifices. No tempo das suas guerras civís, quando os obreiros, aprendizes sómente, tomárão as Armas, formárão hum Corpo, a que se não podia oppôr o resto dos moradores.

João Botero pergunta qual será a causa, porque huma Cidade que começou, por exemplo, no anno de 600, com duzentos moradores, cresceo a dois mil, até ao anno de 800; e depois de oito seculos, não passou de 2000 moradores? Parece, segundo as razões naturaes, que havia de crescer em mil annos a 20000 moradores, ao menos segundo o cálculo de em dois secu-

los passarem de 200 moradores a 2000; mas esta experiencia em quasi todas as Nações do Mundo mostra o contrario; a razão he porque as Cidades não crescem mais em número de gente, do que o seu territorio póde sustentar, e daqui vem, diz o mesmo Author, que o Mundo, em mil annos depois do Diluvio, teve tanta gente como hoje tem; fallando em geral do Mundo, e não desta ou daquella Provincia.

Mas contra esta infallivel razão de João Botero, parece que está huma experiencia tambem certa, e he, que vêmos muitas Cidades, como acima fica mostrado, de territorio fertil serem mais povoadas que outras de igual territorio; mas este Milagre obrão as Artes, porque o preço dellas corre abundantemente á subsistencia dos territorios visinhos, ou dos Reinos estranhos, se he maritimo o lugar onde se fabricão. . . . .

CAPITULO IV.

Continúa a mesma materia.

VEjamos outra razão mais natural. O commum dos homens vive, ou da lã, ou das lavouras, ou do trabalho das Artes, de sorte, que os meios geraes da subsistencia dos póvos são a cultura da terra, e a Fábrica das Artes: e assim, onde mais se cultiva a terra ha mais Lavradores, e onde mais se fabríca, mais Artifices; mas estes dois meios de subsistencia se ajudão tão reciprocamente, que não póde haver muitos Lavradores onde não houverem muitos Artifices, e pelo contrario, ha muita abundancia destes onde as Artes florecem.

Os Lavradores cultivão a terra até tirarem della os fructos, que po-

dem gastar, e de que podem tirar o necessario para vestir suas familias, para comprar instrumentos de lavoura, reservando huma porção para tornar á terra, de modo, que vendendo os fructos, restituem o dinheiro ás Artes, pelas roupas, e instrumentos, de que necessitão; mas se estas obras da Arte vem de fóra, não são os Artifices os que lhes gastão os fructos; e o dinheiro, que lhe dérão por elles passa a ser utilidade dos Estrangeiros.

Mas supponhamos que se introduzírão as Artes na Cidade, onde vivia este Lavrador, e que o número dos Artifices augmentou o número dos moradores de mais 2ↀ pessoas; crescia necessariamente o gasto dos fructos, e o Lavrador, que por exemplo, não lavrava mais que dez moios, porque só a esta quantidade achava gasto, procurará cuidadosamente tirar da terra todos os mais fructos, cujo gasto lhe

segura o maior número da gente da Cidade.

Segue-se daqui, que o Lavrador, que se acha com mais cabedal, o restitue ás Artes, porque veste mais limpamente a sua familia, e crescendo na lavoura, compra mais instrumentos para ella; e por consequencia os Artifices cresceráo em número, porque cresceo por este mesmo caminho o gasto das Fábricas, e se aperfeiçoaráo no trabalho.

Passemos mais adiante. O Lavrador que se vê com cabedal, passa naturalmente do necessario ao superfluo; e vêndo na Cidade as Artes, e obras de que se contenta, servindo-se, por exemplo, de bancos até então, compra cadeiras, e igualmente todas aquellas cousas, que servem ao ornato, e não á necessidade, e daqui nasce que achando huns, e outros utilidade na vida que tem, e segura a sua subsistencia no trabalho, se applicão a elle,

e se animão todos a ter familias, e a casar suas filhas.

Para confirmação destes argumentos, se não necessita de mais prova. Baste lançar a consideração aos muitos Artifices, que entre as Nações Estrangeiras se occupão em lavrar as fazendas, e generos, de que necessitamos, e delles recebemos. Supponhamos que ha hum milhão de pessoas, que se sustentão commodamente no Reino; se nelle se obrarem aquellas Fábricas, crescerá o gasto aos fructos, sustentar-se-ha muito maior número de gente, e o Reino logrará a grande felicidade de ser muito mais rico, e muito mais povoado.

CAPITULO V.

A falta das Artes he causa da falta de gente em Castella.

A Prova maior dos Capitulos antecedentes, he examinar o damno, que causão os Direitos com que se acha Castella. D. Sancho de Moncada refere sobre esta materia cousas que causão horror. Diz, que os Curas de Toledo dérão hum Memorial a El-Rei, advertindo, que faltava naquella Cidade a terça parte da gente; porei aqui as mesmas palavras do Author.

« En la carneceria se peza me« nos de la metad de la carne, que « solia. Es cosa lastimosa, que « de sessenta casas de Mayorasgos

"de a tres mil Ducados de renta;
"que solia ter Toledo, no quedan
"seis, y de toda Castilla, Anda-
"lusia, Mancha, Reino de Valen-
"cia, y asta Sevilha, todos son
"del Pueblo. Y el Padre Fr. Die-
"go del Escurial, refere que le di-
"xo el Obispo de Avila, que de
"poco a cà faltaban sessenta e tres
"Pilas en su Obispado."

Este hê o lastimoso estádo de Hespanha, tão fertil em outro tempo, e tão abundante de gente, que refere Julio Pacense, que no tempo de Augusto mandou numerar os Vassallos do Imperio, e se achavão sómente em Lusitania cinco milhões e sessenta e oito mil pares de familias. He observada entre os Authores a fecundidade das mulheres Portuguezas, e os frequentes partos de taes filhos.

As causas, que commummente dá o Mundo para esta falta, são as Colonias das Indias, a expulsão dos

Mouriscos, e as guerras de Italia, e Flandres; porém todas estas causas, na opinião do Author citado, são sem fundamento. Na expulsão dos Mouros sahírão de Hespanha seiscentas mil pessoas, número facil de restaurar em poucos annos. Ha vinte e cinco annos que em Napoles morrêrão de peste duzentas mil pessoas, e hoje se acha este número restaurado.

Depois da Conquista de Granada até ao Reinado de Filippe III. não houve guerras em Hespanha, e no anno de 1600 se começou a sentir a falta de gente. Em França houve quarenta annos continuos de guerras civís, e não se conheceo no ultimo diminuição nos Póvos, donde se segue que a guerra não pode ser a causa da falta de gente em Castella, assim como o não foi em França.

Tambem as Colonias, e os Descobrimentos não são a causa; porque,

commummente fallando, não sahe da sua patria para viver nas alheias quem tem subsistencia certa na propria. As innundações de gente, de que temos tantos exemplos na Historia, succedêrão como as innundações dos rios, que sahem dos Canaes a alagar os campos quando as aguas não cabem no caminho natural, por onde corrião. Quando os Godos, Vandalos, Suecos, e mais Nações Septentrionaes passárão o Rhim, e o Danubio, não deixárão desertas as suas Patrias; antes tão povoadas, como hoje as vêmos. A nova França, a Virginea, e as muitas Ilhas, que tem as Colonias Inglezas, e Francezas, não diminuem a povoação de França, e de Inglaterra.

Outra causa commummente se aponta, que são as muitas Religiões, que ha em Hespanha; porque Navarrence affirma que havia no seu tempo 70⦶ Frades; mas

esta não póde ser a causa; porque em França ha muito maior número de Religiosos, e Conventos, sem que hajão de diminuir a povoação daquelle Reino. Todas estas causas podem concorrer para a falta de gente; mas não são as efficazes. D. Sancho de Moncada refuta todas estas causas, com a razão de que são mais antigas, que a falta de gente, e conclue, que a falta das Artes, he a unica causa dos desertos de Castella; porque depois de se perderem as Artes, faltou a gente.

Esta he a razão, e não póde ser outra: mas demos a conhecer a causa natural deste effeito. Todas as causas, que ficão apontadas, não podião despovoar Hespanha; porque ficárão os muitos meios para se restaurar aquella falta, como he a fecundidade das mulheres, e o ter com que subsistir a gente. Logo a falta das Artes tirou este

segundo meio, e he a causa de se achar Hespanha falta de gente. A menor desta conclusão, fica provada por todo este Discurso.

CAPITULO VI.

Qual he a causa de se perderem as Artes em Hespanha.

DIrão que Hespanha sempre foi falta de Artes, o que he falso; porque sempre teve as que lhe erão necessarias. Ainda hoje em todos os Reinos da Europa, quando querem encarecer por boa huma seda, dizem que he Granada, e quando hum bom panno, dizem que he Segovia. Sabemos que os Catalães tiverão trinta Náos, com que navegavão o Levante manufacturas Hespanholas, e hoje que não tem que navegar, não possuem huma barca. Em Missina ha huma casa de Consulado, como em Anvers outra, que conservão o nome de Portugal. Mas resta vêr como se perdêrão

as Artes em Hespanha, que ao menos servirá para conservar as poucas, que ha no Reino, quando não cuidemos em introduzillas de novo. Os Descobrimentos das Indias, as grandes Colonias, que naquelle vasto Mundo se descobrírão, e a que foi necessario acudir, forão causa de que se necessitasse de mais roupas, e de mais manufacturas do que os Artifices de Hespanha podião fabricar, e por consequencia que os moradores pedissem humas, e outras ás Nações visinhas, as quaes com a ambição do ouro, e prata, porque as commutavão, acudírão a Hespanha com mais cópia do que se lhes pedia.

Como as Mercadorias Estrangeiras erão mais custosas, ainda que na substancia falsas, e as davão a melhor preço do que as podião dar os Artifices de Hespanha, começárão a ter grande gasto, não só nas Indias, para onde forão buscadas,

mas em Hespanha. Para isto aju-
dou o ordinario erro, com que en-
tendemos que tudo o que vem de
fóra he o melhor. Com este enga-
no foi insensivelmente faltando o
gasto a todos os generos, que se fa-
bricavão em Hespanha, e por con-
sequencia perdendo-se os Artifices,
porque não podião fabricar o que
não gastavão; e todos se passárão
ás Indias a buscar outro modo de
vida.

Não se reparou neste damno,
que pudéra ter facil remedio no
principio, e ficou Hespanha sem
Artes, e sem os muitos homens,
que das Fábricas, e uso dellas se
alimentavão, e dando ás Nações
Estrangeiras pelas roupas, todo o
ouro, e prata que navegavão das In-
dias. Quem não dirá, que este foi
o castigo das crueldades, que os
Castelhanos executárão nos inno-
centes moradores daquelle vasto
Mundo, e que despovoando aquel-

las Regiões de seus antigos moradores, cahio sobre elles aquelle castigo — *Remanebitis pauci numero.*

CAPITULO VII.

Que a Portugal, mais que a outra Nação da Europa, he util, e necessaria a Introducção das Artes.

A Introducção das Artes he util, e necessaria a todas as Nações do Mundo; mas especialmente a Portugal, mais que a nenhuma outra Nação. 1.ª Porque a falta das Artes lhe será mais damnosa, que a nenhuma outra Nação. 2.ª Porque a abundancia das Artes lhe será muito util pela sua situação, e pela incomparavel qualidade do Povo de Lisboa.

Quanto ao primeiro ponto se prova facilmente. A Nação Portugueza naturalmente bellicosa, e ambiciosa, não intentou estender-se,

e accrescentar o dominio em Europa, ou por guardar a boa fé com os visinhos, ou porque a destinou Deos, como parece, para outros fins, e não cabendo nos limites deste Reino, sahio a conquistar, e descobrir o Mundo, primeiro em Africa, depois na Asia, e na America. Nesta ultima parte possue 800 légoas de Costa, que achámos inculta, e bárbara; mas sem dúvida a mais fertil, e rica parte do Mundo. Nella temos várias Colonias, onde em poucos annos de paz, crescêrão em grande número de habitantes, e ao mesmo passo que crescêrão, necessitárão de todo o genero de roupas, e manufacturas da Europa, dando em troco tudo o que a cultura tem até agora descuberto, e todas as riquezas, que o tempo, e a indústria inventárão. Se as obras de que necessitarem forem Estrangeiras, será dos Estrangeiros a utilidade, que a nossa indústria

descubrio, e nosso trabalho cultivou, e viremos a ser no Brazil huns Feitores das Nações da Europa, como são os Castelhanos, que para ellas tirão das entranhas da terra o ouro, e a prata.

A experiencia nos tem mostrado isto mesmo em Moçambique, ou nos rios de Sena. Aquella vasta, e riquissima Região que possuimos, sem a conhecer, necessita de roupas, pelas quaes nos commuta ouro, e marfim, que por ellas recebemos; e porque as roupas são da India, para a India vai todo o ouro, e marfim, que por ellas se recebe: e por ultima conclusão a Introducção das Artes ha de obrar, que sejamos Senhores uteis do Brazil; e a falta dellas, que seja aquelle Estado Dominio util das Nações da Europa.

Este Reino tem pela introducção das Artes duas qualidades especificas, que não convem a nenhum outro Reino. 1.ª Que corre a elle

por caminho mais natural todo, ou a maior parte do dinheiro, que corre de Castella para as mais Nações da Europa; porque cem légoas de Continente, com que estamos unidos a ella, serão outras tantas portas para entrarem as fazendas lavradas, tanto mais commodamente, quanto se poupará de Fretes, Cambios, Seguros, piratas, e riscos do mar; e os Castelhanos tem hum grande interesse nesta parte; porque he certo, que os Estrangeiros lhe fazem a guerra com o seu ouro, e que nós, sendo invadida Hespanha, acudiremos a defendella. Tão céga he a sua paixão, e tão mal entendida neste particular, que defendem de nós com maior cuidado o seu Commercio, que das mais Nações da Europa.

A segunda utilidade específica, que se propõe he o Porto de Lisboa, se reputa sem questão, (entre os Authores que tratão esta

materia) por hum dos melhores dois Pórtos da Europa, que são Lisboa, e Constantinopla; e por conseguinte estas duas Cidades unicamente capazes de serem os maiores dois Empórios do Mundo, e ambos igualmente grandes, e seguros. Constantinopla está entre dois mares, situada em Europa, visinha da Asia, e não distante da Africa; porém a situação de Lisboa he incomparavelmente melhor, porque está no Oceano, e sessenta légoas ás Portas do Mediterraneo: antes que dobrassemos o Cabo da Boa Esperança, e antes que se descubrisse a America, se poderia considerar Constantinopla em melhor situação a respeito do Mundo conhecido; porém depois que pelos mares se communicou o Occidente com o Oriente; depois que se descubrio hum novo Mundo, Constantinopla he o melhor Porto do Mediterraneo, mas Lisboa o melhor Porto do Mundo.

Isto supposto, o Commercio se faz, ou pelas Producções da Natureza, ou pelas Obras da Arte. O Reino he abundante das producções da Natureza de quasi todas as especies; mas porque a Providencia as dividio pelos climas, Lisboa as póde receber de todos, e mandar de huns a outros mais facil, e commodamente. Se tiver Obras da Arte em igual abundancia ás Producções da Natureza, será senhora do Commercio do Mundo.

Amsterdão he huma Cidade, que está oito mezes no anno cuberta de neve, e que tem quatro Canaes, e Pórtos gellados. As entradas necessitão de que se alimpem todos os annos, e se abrão. Todos os ventos rijos lhe são contrarios, e pouco brandos, e favoraveis; porém todos estes deffeitos naturaes suprio a indústria, e o trabalho dos homens, de sorte, que Amsterdão com as Artes, e Commercio, que

tem, se faz Porto célebre, e riquissimo.

Londres tem huma Ribeira capacissima, e he Corte de hum grande Reino; mas o que a faz populosa são as Artes, de sorte que sem ellas seria huma Aldêa, em que assiste hum Rei, e a sua Corte.

Muitos entendem, que a causa da grandeza de París procede de ser Cabeça de hum grande Reino, e assistir nella a Corte; mas vêmos, que Madrid he Cabeça de hum grande Reino, e assiste nella hum grande Rei, e he com tudo huma Aldêa, comparada com Amsterdão, Londres, e París.

A riqueza, e grandeza de París, procedem de ser Universidade de toda a Europa. As Sciencias, as Artes liberaes, e mechanicas, se ensinão, e obrão em París com tanta perfeição, que nos Collegios, e Academias estudão, e aprendem dois mil Cavalheiros das Nações vi-

sinhas, entre os quaes ha commummente Principes de Casas Soberanas. As Obras da Arte são tão estimadas, que eu vî fazerem-se carroças, paramentos de camas, e adornos de casas para o Imperador, quando casou; para El-Rei de Dinamarca, para o Duque de Brunswick, e pedirem-se sedas a París, para galla, em casamentos dos Grandes do Reino, e dos Nobres de Genova. Estes são os grandes effeitos, que produzem o uso, e a abundancia das Artes Mechanicas. Se ajuntarmos em Lisboa as perogativas da Arte ás da Natureza, que bastarem a fazella huma das maiores Cidades da Europa, será sem dúvida a maior do Mundo.

CAPITULO VIII.

Que a Introducção das Artes fará crescer as Rendas Reaes.

HE possivel a prova, e a consequencia de tudo o que temos dicto. Tudo o que crescer com a Introducção das Artes o número da gente, augmentará as Rendas Reaes nos annuaes, de que se tirão Tributos; porque estes crescem ao mesmo tempo que se augmenta o número das pessoas, que os pagão. O pezo que lévão poucos, dividido por muitos, he mais facil de levar, e podem ser mais avultadas as Contribuições nas carnes, fructa, vinho, pescado, etc. porque se renderem, por exemplo, 300$ réis com cem moradores, hão de subir

por consequencia a 600$ réis com duzentos moradores.

Dirão que ha de diminuir a Renda na Alfandega, por causa das entradas das Fazendas Estrangeiras; esta diminuição não póde comparar-se com as utilidades, que ficão ponderadas, além de que se dobra, e multiplica por outros caminhos. Supponhamos que toda a lã que ha no Reino, se fabríca nelle; quando da mão do Lavrador até á do alfayate não pague mais de cinco por cento, dobra o que a falta das entradas póde diminuir. Este mesmo argumento serve para todas as outras materias, além de que a Fábrica he facil, e necessaria, e de que se póde fazer estanque com grande utilidade do Patrimonio Real.

Conclusão deste Discurso.

Seja conclusão deste Discurso hum lugar da Escriptura nos Pro-

verbios, que he a favor das Artes. Faz o Sábio hum retrato da mulher forte, e diz, que buscou lã, e linho, e fez Fábrica de huma, e outra materia, fez a sua casa huma Náo de Mercadorias, que traz o sustento, e riquezas de partes remotas. Achou gosto, e proveito no seu trabalho; fez roupas, e vendeo, depois de dar a todos os seus domesticos dois vestidos.

Hum Reino he huma grande Familia: se nelle se obrar o que fez a Matrona na sua casa, se seguirá infallivelmente, que as riquezas, que vamos buscar por tantos perigos a tão diversos climas, serão Patrimonio do mesmo Reino. Seremos muitos em número, unica felicidade das Monarchias. Cultivaremos huma terra fertilissima, que ha de recompensar os beneficios, que lhe fizermos, com abundantes fructos. Teremos gente para a guerra, para as Colonias, e para as

Armadas, daremos occupação aos sujeitos, e desterraremos da República a ociosidade, mortal inimiga da Sociedade Civil. Faremos Lisboa o mais rico Empório do Mundo, Depósito, e Escála de todo o Commercio delle. Crescerá o Patrimonio Real com o maior número, e maior riqueza dos Vassallos. Não se rirão de nós os Estrangeiros, que commummente nos estimão por Indias da Europa, e conseguiremos a felicidade, que logrou no fim do seu trabalho a mulher forte.

París 30 de Abril de 1775.

Duarte Ribeiro de Macedo.

OBSERVAÇÕES

Sobre a transplantação dos fructos da India ao Brazil; feitas no anno de 1782.

TIve Correspondencia em París com Mylord Montaigú, Embaixador de El-Rei da Grã-Bretanha naquella Corte; Sobrinho de Mylord Montaigú, que assistio na nossa Corte ao Tratado de Paz com Castella, e em huma Conversação, em que discorremos vagamente sobre as Colonias Inglezas na Virginia, e Portuguezas no Brazil, me referio, que a primeira vez, que El-Rei seu Senhor víra a droga, ou páo, a que chamamos Cravo, dissera na presença de vários sujeitos da sua Corte, que só seu Cunhado, El-Rei de Portugal, tinha

meios para destruir os Hollandezes; e desejando eu examinar a razão desta notavel proposição, nos interrompeo huma visita.

Assistia neste tempo em París por Embaixador dos Estados de Hollanda, Grossio, hum prático, e entendido sujeito, que tinha sido Embaixador dos Estados, em Suecia, filho de Hugo Grossio, hum dos mais célebres Escriptores deste seculo. Tive com elle amizade, e foi hum dos Ministros, que mais frequentei; e fallando hum dia em cousas do Brazil, depois de me confessar o valor, com que haviamos lançado os Hollandezes fóra do Estado, apontou differentes cousas, que nos ajudárão a dar fim ditoso áquella grande obra; huma das quaes fora o solicitar a Companhia da India occultamente a ruina da Companhia Occidental, até ultimamente comprar as Acções, que pertendia ter contra nós, e ajustar comnosco a paz.

Esta proposição de Grossio despertou em mim o desejo de saber a razão, em que se fundava a proposição de El-Rei da Grã-Bretanha, parecendo-me que devião ter ambas o mesmo fundamento, e que pela mesma razão, que Sua Magestade, (1) por ser Senhor do Brazil, poderia destruir os Hollandezes, na opinião deste Principe, poderia a Companhia Occidental destruir a da India; mas devia ser a causa occulta, porque esta procurava a ruina daquella, segundo dizia Grossio.

Foi-me facil perguntar a Montaigú a razão, que sem reparo algum me disse o mesmo que eu cuidava; mas com hum fortissimo argumento. O páo cravo (disse) tem fórma de cravo, e cheiro de cané-

(1) Falla o A. do Senhor D. Affonso VI.

la, o que mostra que a terra que o produz, poderá facilmente produzir a canéla, e cravo; que sendo as melhores drogas, de que os Hollandezes tirão riquezas immensas, se as produzisse o Maranhão, poderião os Portuguezes com facil custo de Navegação vendellas em Europa a tal preço, que os Hollandezes as não pudessem navegar da India, e perderião por consequencia o grande interesse que tirão dellas.

Não me pareceo conveniente fazer a Grossio a mesma pergunta, assim porque sendo elle homem entendido me não havia de dar a razão, se fosse a mesma que eu suspeitava, como porque não entrasse em ciumes, parecendo-lhe que eu penetrava este grande, e importante segredo, valí-me com tudo do meio seguinte.

Estava em París o Conde Marlot, Cavalheiro Hollandez, casado,

e naturalisado de muitos annos em França, que depois da guerra El-Rei o mandou prender no Castello de Amboise, por suspeitas de que se communicava com o Principe d'Orange, e com occasião de hum filho seu ter servido em Portugal no Regimento do Conde Schomberg, de quem he amigo, teve comigo amizade, e havia este Fidalgo assistido á conversação referida com Grossio, com quem jantava ordinariamente; hum dia, lembrando-lhe o que tinhamos ouvido, lhe pedi perguntasse a Grossio a razão porque a Companhia Oriental procurava a ruina da Occidental, mostrando-lhe levemente, que só me movia a curiosidade de o saber. Fez-lhe a pergunta, sem fallar-lhe em mim, e Grossio lhe disse a razão sem fazer algum reparo, o que attribuí, ou a ser feita depois de jantar, ou a que Grossio occupado nos importantes Negocios, que então tra-

zia entre mãos, não fez caso desta pergunta, nem observou naquella hora a importancia della. A Resposta foi, que os Feitores da Companhia Occidental havião cultivado anil, e nós moscada no Brazil, e que era tal a producção destas drogas, que a Companhia Oriental entrava em receio de que o Brazil poderia produzir as mais que vinhão do Oriente, e por consequencia perder a Companhia da Asia todo o seu Commercio.

Esta proposição de El-Rei da Grã-Bretanha, e este temor da Companhia da Asia em Hollanda, me fez cuidar que tinha descuberto a Pédra Philosofal; porque não ha dúvida, que se o Brazil produzisse cravo, pimenta, canéla, e todas as mais plantas, que a Natureza produz, e a Arte cultiva no Oriente, seria riqueza mais util, e menos custosa que a das Minas do Potosi, e Sofála. Trar-se-hão com

dois mezes de Navegação a Lisboa, colhidas da primeira mão, aonde as virão buscar todas as Nações da Europa, convidadas do bom preço, e da bondade dos generos; porque a facil Navegação os trará mais puros, bem acondicionados, e mais baratos; e será unicamente nosso o Commercio delles, com a differença de que nos hão de custar sangue no Brazil, nem os naufragios, que nos custa a Navegação delles da India: mas este interesse não necessita de prova, e só sim a supposição de que o Brazil produzirá abundantemente todos aquelles ricos fructos, o que a meu vêr não tem dúvida, pela seguinte conclusão.

Prova-se pela razão, e pela experiencia a possibilidade da transplantação dos fructos da India ao Brazil.

TOdos os principios da Philosofia natural mostrão, que tudo quanto a Natureza produz nas terras, que correm da Linha Equinocial ao Tropico de Cancro, produzirá nas terras, que correm da mesma Linha ao Tropico de Capricornio. A Natureza produz todas aquellas plantas na India, nas terras que correm da Linha ao Tropico de Cancro: logo produzirá aquellas mesmas plantas o Brazil, cujas terras correm da Linha ao Tropico de Capricornio.

Deste Sylogismo só a maior necessita de prova, porque a menor he certa, e a consequencia prova-

da; porém como a maior necessita de provar-se, vejamos o modo. As causas naturaes das producções das plantas são o calor do Sol, e a humidade da terra; estas duas proporções são iguaes nas distancias que comprehendem os Tropicos. Logo todas as plantas que a Natureza produz nas terras que correm da Linha a hum Tropico, poderão produzir nas terras que correm da Linha ao outro Tropico. São principios da Philosofia Natural.

A menor deste Sylogismo he certo por demonstrações Geograficas, e só com a differença dos tempos, porque quando o Sol corre da Linha para o Tropico de Cancro, he Inverno no de Capricornio, e pelo contrario, he Verão no Tropico de Cancro, quando o Sol corre da Linha para o Tropico de Capricornio. Esta differença unio a Arte por meio da cultura, como mostra a Natureza no trigo, que

se colhe da parte do Sul nos mezes, em que o semeamos no nosso Continente, e lá se semêa, quando cá o colhemos.

Confirmo a prova da presente proposição com hum exemplo, que me parece indisputavel. A arvore do Coco he a planta, em que a Natureza se quiz mostrar mais fecunda do que em todas as mais plantas conhecidas, da qual os homens tirão tantos, e tão diversos usos. Esta se dá, e se cultiva no Oriente em todas as terras, que correm da Linha ao Tropico de Cancro, mas não se dá, nem se cultiva em nenhuma parte fóra do mesmo Tropico. Da mesma sorte, com as mesmas virtudes, e effeitos, se dá, e cultiva no Brazil nas terras que correm da Linha ao Tropico de Capricornio; de sorte que a produz a terra no Rio de Janeiro, que está a 22 gráos da parte do Sul, e não se dá, nem se cultiva em S. Paulo

que está hum gráo fóra do Tropi-
co de Capricornio.

Ha outras plantas, que se culti-
vão, e nascem com perfeição em
todos os Tropicos, e que ainda que
nasção fóra dos Tropicos, não dege-
nerão. O algodão he desta nature-
za, e já esta experiencia se mani-
festou; cultivando-o com cuidado
no Brazil, chegou á mesma perfei-
ção, que na India.

Outras plantas ha, que chegão á
toda a perfeição na zona tempera-
da dos Tropicos até 50 gráos; e
que ainda que produzem entre os
Tropicos, além dos 50 gráos de-
generão. A experiencia o tem mos-
trado nas vinhas, que por via de
regra, nem entre os Tropicos, nem
fóra dos 50 gráos chegão á perfei-
ção necessaria para os vinhos. Dei-
xo outras muitas experiencias, por-
que estas parecem bastantes para
fazer certa a conclusão, de que as
terras, que correm da Linha ao

Tropico de Capricornio produzirão as mesmas plantas, que produzem as terras, que correm da Linha ao Tropico de Cancro, e por consequencia produzirão o cravo, a canéla, a pimenta, o gingibre, a noz moscada, e as mais que se cólhem na India, na mesma distancia.

A experiencia tem provado a verdade desta conclusão por differentes effeitos de transplantações de huns climas a outros, o uso da seda, a Fábrica, e a creação dos bichos se conheceo na Europa no Império de Justiniano, pelos annos de 540, em que dois Religiosos trouxerão do Oriente á Grecia o segredo de criar os bichos, e a Arte de tirar a seda. Hoje vemos as riquezas immensas, que com este uso, adquirírão varias Cidades, e Provincias. Ha poucos annos que os Inglezes plantárão Amoreiras, e criárão os bichos na Virginia, e já do seu producto se obrou seda em

Londres, de que se vestio El-Rei da Grã-Bretanha, e esperão os Inglezes tirar desta transplantação muito grandes interesses.

O Imperador Carlos V. mandou levar ás Canarias plantas das vinhas do Rhim, e não só produzírão bem, mas melhor, de tal sorte, que excedem hoje as do Rhim; e fez esta transplantação ricas aquellas Ilhas, vindo a ser de pobres, que erão, as mais opulentas do Oceano.

Várias experiencias, que temos entre nós, sobre a transplantação.

DEixadas as experiencias alheias, as domesticas nos podem animar mais que todas. O Infante D. Henrique de ínclita memoria, depois do Descobrimento da Ilha da Madeira, e observada a bondade que lhe referírão da terra, mandou vir de Sicilia plantas de açucar, e Officiaes de Engenhos, e foi tal a producção, e bondade, com que se cultivárão, que he o açucar da Ilha o melhor do Mundo, e sem o Brazil só esta planta trouxéra á Ilha grande riqueza.

Ha poucos annos que vivia nos Rios (1) hum Portuguez, natural

(1) Falla dos Rios do Sena em Moçambique, etc.

de Ourem, que teve a curiosidade de mandar vir da India hum sacco de trigo para experimentar se produziria nas vastas Campinas daquella rica parte do Mundo; e para achar occasião entre a variedade das mutações daquelle clima, o foi semeando todos os mezes, até que observou o tempo em que devia semear, e colher; e he tal a abundancia que se seguio a esta curiosidade, que sendo o trigo em outro tempo a melhor droga, que alli se mettia, póde hoje ser a melhor que dahi saia.

O milho grosso foi achado na America como sustento dos Indios, e de lá trazido a Hespanha. De Cadiz trouxe hum Portuguez do Campo de Coimbra menos de hum alqueire, (dizem os Lavradores daquelle Campo) e o semeou em huma terra sua, e produzio com tanto excesso, que não he facil de explicar a abundancia, utilidade, e

riqueza, que se seguio ao Reino desta rustica curiosidade de hum particular.

João Bócero escreve no Livro VIII. Cap. 1., que neste Reino se plantára o gingibre, e produzíra com perfeição. Não tenho disto noticia, e cuido que só quiz dizer Bócero, que nas Terras do Dominio de Portugal, porque se plantou no Brazil, e produzio, como veremos em seu lugar.

Finalmente as laranjas da China são o exemplo mais moderno, e visivel, e que mais nos póde persuadir. D. Francisco Mascarenhas trouxe a Lisboa no anno de 1635 huma laranjeira que mandou vir da China a Goa, e dahi para o seu Jardim de Xabregas, onde a plantou. Se então soubera a producção desta nobre planta, e a riqueza que nella trazia á sua Patria, tivéra razão de cuidar que fazia hum grande serviço ao Reino, talvez mais

util, que o que lhe fizerão os primeiros Descubridores, e Conquistadores do Oriente.

Hum Inglez prático me affirmou, que gastava Inglaterra todos os annos cincoenta mil cruzados em laranjas da China, e daqui poderemos julgar o que gastará França, Hollanda, e todos os mais Paizes do Norte, porque para todos elles se navegão.

O que sobre esta materia se lê na Historia da Sociedade Real de Londres.

No meio destes Discursos, e destes Argumentos, me veio á mão hum Livro intitulado — *Sociedade Real de Londres* — escripto na Lingua Franceza, que contém a Historia de huma Academia, a que chamão Sociedade Real, cujo fundamento he descubrir os segredos da Philosofia natural pelas experien-

cias Chimicas, e buscar a razão de todos os effeitos naturaes, que nos parecem vir de causas occultas. Nesta Academia se tem proposto hum grande prémio a quem descubrir o methodo de conhecer a altura de Leste ao Oeste, e outro, a quem fizer huma Pendula com movimento seguro sobre o mar.

Lî este Livro com a curiosidade, a que convidava a materia, e senti achar descuberto nelle o segredo deste Discurso; mas não foi este só o que me deo pena, e me fez cuidar no perigo das nossas Conquistas. Na 5.ª Parte, Sess. 28. tem o seguinte. As arvores se podem melhorar pela transplantação. Porei aqui a traducção fiel deste Capitulo, em tudo o que serve a este Discurso. « Por tres sortes de experien- « cias (diz o Author do Livro) se « podem aperfeiçoar estas Observa- « ções. 1.ª Transplantando de hu- « ma terra a outra, que seja da

« mesma natureza, e situação a res-
« peito do clima. As experiencias
« do Oriente, as novas Colonias da
« America, etc. são boa prova, e
« nenhuma razão de differença se
« póde dar, para que ellas prospe-
« rem onde o Sol nasce, e não on-
« de o Sol se põe, estando debaixo
« da mesma influencia do Sol, e
« dos outros Corpos Celestes, a cu-
« ja visinhança se attribuem as ri-
« cas producções do Oriente. » Até
aqui o Author referido sobre a trans-
plantação de hum clima a outro da
mesma natureza, no fim deste Ca-
pitulo continua o seguinte.

« Até agora todas as experien-
« cias de transplantação se fizerão
« em flores, e plantas, que servião
« de ornato aos Jardins, mais por
« huma curiosidade agradavel, que
« por alguma utilidade effectiva;
« mas se começassem a fazer-se pelo
« interesse, o proveito as faria con-
« tinuar de sorte, que fossem im-

« mensas as riquezas; e para nos
« animar a ellas bastaria vêr entre
« nós o exemplo das laranjas da
« China de pouco tempo trazidas
« a Portugal, onde só de Lisboa
« tiramos o importe de huma gran-
« de Renda. »

Este Livro nos persuade não só a fazer as experiencias; mas tão promptamente, que possamos prevenir-nos aos Inglezes.

Tendo acabado este papel, achei no Jornal, ou Diario dos Sábios de París de 3 de Junho de 1675, hum extracto do Jornal de Inglaterra, onde se referem todos os mezes o que se descobre na Sociedade Real; e fallando na arvore de canéla, que lhe mandárão de Ceilão em huma estufa, recolhida do rigor do inverno, até o mez de Maio, e lançando-lhe de tempos a tempos sobre a arvore esterco de pombos, referem que lançava no Verão huma flor branca de hum cheiro agradavel,

e que o fructo era negro, e de figura.

Desta noticia se collige, que póde vir da India a Inglaterra huma arvore de canéla, sem que os differentes climas da Navegação a alterem, e que a arvore pelo calor de huma estufa a póde conservar a 52 gráos da parte do Norte, e eu colho desta noticia, que o Mundo está tão applicado a esta sorte de experiencias, que podemos tardar se nos não anteciparmos a fazellas.

Que as Terras do Dominio de Sua Magestade são as mais proprias para estas experiencias.

NÃo ha Soberano nenhum no Mundo que tenha as commodidades que Sua Magestade tem para fazer as experiencias desta grande obra. He Sua Magestade Senhor de todo o Brazil, começando do Rio das Amazonas, que está a hum gráo da Linha, até á Capitanía de S. Paulo, que está fóra do Tropico de Capricornio, em que correm mais de 700 léguas de Costa; cheias de pórtos capazes, cortada de infinitas ribeiras, terra a mais sadía que ha em toda a America, differente nesta felicidade de Costa que corre do Norte, que quasi toda he contraria á saude dos homens, com

meios para tirar da India todas as plantas, e navegallas facilmente aó Brazil.

Poderia dizer-se que El-Rei de Castella tem terras da mesma situação, porque na Costa do mar do Sul tem as mesmas, e seguindo a Costa do mar do Norte tem a mesma distancia até ao Tropico de Cancer; he certo porém, além da natural preguiça da Nação Castelhana, que os meios para tirar as plantas da India não são faceis aos Castelhanos, nem do mar do Sul he facil a navegação das drogas, que aquella Costa póde produzir.

Da parte do Norte toda a Costa que della corre lhe impede a producção de todas as plantas mimosas da Europa, de que fizerão experiencia.

Como se podem pôr em prática estas experiencias.

Para poder pôr em prática estas experiencias, Ordenará Sua Magestade ao Vice-Rei da India, que procure recolher a Goa sementes, estacas, e pequenas arvorea, e plantas, que se trazem por Commercio á Europa. As sementes em vidros bem tapados, as estacas em saccos com terra, em que venhão mettidas até ao meio, e as arvores da mesma sorte, que se levão de humas Provincias a outras as laranjeiras, e com o mesmo cuidado de serem reparadas das inclemencias do tempo, e ainda que venhão arvores, estacas, e plantas, que pégão de estaca, de todas venha a maior quantidade que se pudér ajuntar de sementes, e que observem as que fructificão mais em lugar baixo, e humido, ou secco; em monte, ou em campo, e a que posição do

Sol, ou viração são mais viçosas; e todas as outras particularidades, que os Naturalistas observão; e que se puder ser, venhão alguns homens naturaes das mesmas terras; e práticos na cultura de todas as sobreditas plantas, e com elles partirá huma Náo em direitura á Bahia, donde o Governador mandará com diligencia o cravo, e canella ao Maranhão; e as mais plantas as repartirá pela altura que tem a terra a respeito da Linha, e do Lugar donde se conduz, como por exemplo. As que nos vem a 11 gráos da parte do Norte, se plantarão nas que tem a mesma altura da parte do Sul, guardando as Sazões da Primavéras, e Outonos; e para segurança dos tempos, se irão plantando todos os mezes, nas Luas novas, seguindo o exemplo, que fica apontado, do trigo semeado em Sena.

As sementes, estacas, ou arvo-

res de canella, e cravo, parece que não serão faceis de trazer a Goa, porque Ceilão, donde vem a canella a mais fina, está em poder dos Hollandezes, como tambem o Commercio das Malucas, de que elles unicamente são senhores; porém o prémio, e o interesse, facilitarão esta difficuldade. O cravo se poderá haver por meio dos Hollandezes, que vão ao Malabar, ou que estão moradores naquelle Reino; e quando a difficuldade seja invencivel, se poderá trazer a das terras visinhas de Cochim, que poderá melhorar, e ser tão boa como a de Ceilão, nas terras do Maranhão, e Pará, como mais visinhas da Linha, que Cochim.

Poderá duvidar-se se o cravo, produzirá no Continente do Brazil, produzindo no Oriente só nas Ilhas Malucas, e particularmente naquellas, que estão debaixo da Linha, as quaes são áridas, e pouco

capazes de outras plantas, sendo todo o Brazil fertil, e abundante. Responde-se, que o Maranhão he Ilha a menos de dois gráos da Linha, e nenhuma razão ha para que se deixe de fazer huma experiencia, que tanto promette, mas para satisfazer a todo o computo. Sua Magestade he o unico Soberano, e Senhor de huma Ilha, cortada da Linha, e de duas mais visinhas a ella, que se denominão S. Thomé, e a do Principe, que estão na mesma altura, e com as mesmas circumstancias, e qualidades que se considerão naquella Ilha, onde se póde plantar o cravo, que terá sem dúvida, abundante producção.

Deve encommendar ao Vice-Rei faça este negocio com toda a cautéla, e segurança; porque se os Hollandezes o penetrarem, se hão de oppôr a elle, e o hão de impugnar, como materia de ultima consequencia para suas cousas, com

tudo, o que pudér a força, e a indústria; porque se as plantas não produzirem o primeiro anno (o que não deve desanimar) nos seja facil navegallo segunda, e terceira vez.

Estando escrevendo este papel, communiquei a matéria delle ao Reverendo Padre Antonio Vieira, que me respondeo em Carta de 28 de Janeiro deste anno, o seguinte.

«Ha muitos annos, que sei se «dá no Brazil pimenta, e todas as «mais drogas da India, como se «experimentou nos principios do «Descobrimento; e El-Rei D. Ma-«noel por conservar a Conquista «do Oriente, mandou arrancar to-«das as plantas Indicas com Lei «Capital, que ninguem as culti-«vasse, e assim se executou, fi-«cando sómente o gingibre, que «como he raiz, dizem no Brazil, «se metteo pela terra dentro. Ain-«da se conserva a prohibição, e «toma-se por perdida.

"Com esta noticia aconselhei
"a El-Rei, que está no Ceo, man-
"dasse do Brazil á India, ou que
"da India fosse ao Brazil hum Na-
"vio carregado das ditas plantas,
"já nascidas, e acompanhadas de
"pessoas práticas na sua cultura,
"e que em diversos lugares, e tem-
"pos do anno, as fossem trans-
"plantando, ou semeando; para
"que a experiencia mostrasse em
"qual clima daquelle vasto Impé-
"rio se davão melhor, de que se
"seguiria, que huma vez que ti-
"vessem abundancia das ditas dro-
"gas, e conduzidas a Portugal,
"com a viagem, e dispendio de
"tanto menor, que as que nave-
"gão os Hollandezes, vendendo-as
"a muito menos preço, ficavão el-
"les perdidos, e a India restaura-
"da, sem guerra; e o mesmo acon-
"selhei a Sua Magestade que Deos
"guarde. Esta he, Senhor Meu,
"a Pédra Philosophal, em que cui-

« do nos temos encontrado; sendo
« muito mais para estimar o haver
« V. M.ᶜᵉ inferido esta consequen-
« cia de permissas tão remotas, co-
« mo os ditos de El-Rei de Ingla-
« terra, e de Grossio, ou havellas
« eu proposto de palavra nas noti-
« cias do Brazil, que entre os anti-
« gos se referem com sentimento,
« e hoje estão já quasi esquecidas.»

Até aqui o Padre Antonio Vieira; e não he necessaria outra prova, que persuada á execução destas experiencias, havendo-se já feito no Brazil, e com tal successo, que obrigárão a El-Rei D. Manoel á prohibição referida.

Se o Brazil produz todas estas drogas, a ruina dos Hollandezes he infallivel, porque só o Commercio dellas os tem na India poderosos, e ricos; e em Europa este Reino tornará á opulencia em que o tinha o Commercio do Oriente, quando só ás nossas Náos passavão o Cabo

da Boa Esperança. Sua Magestade terá Armas com que se fazer temido, e respeitado; e, em fim, só esta cultura fará gloriosa a posteridade de Sua Magestade, e encherá de applauso, e agradecimento immortal todo o tempo do seu feliz Governo.

Resposta ás difficuldades, que se poderão considerar nesta materia.

TRres cousas, a meu vêr, poderá dizer quem se não contentar das propostas deste papel. 1.ª Que Deos dá a qualidade a huma terra, e a hum clima differente do outro, para incitar, e facilitar o Commercio, e acommodações das Nações; e que parece quiméra, e visão, querer que todas as terras sejão capazes de todas as producções, de que se segue, que as despezas, e trabalhos, que hão de custar estas experiencias, serão inuteis. 2.ª Que se perderá o Commercio da India; e, não tendo os Póvos que ir lá buscar, se perderião as Colonias, que se conservão, e a Prégação do Evangelho, que por

ellas se introduz. 3.ª Que em caso que prosperem aquellas experiencias, as riquezas do Brazil convidarão as Nações do Norte a ir occupallo, e semearemos naquellas terras para outrem colher os fructos, e nos lançarão dellas.

A' 1.ª respondo, que he verosimil que a Providencia Divina diversifica pelas Nações as producções da Natureza, para que a necessidade que humas tem das outras unisse pelo Commercio às distancias, e fizesse sociaveis os homens; mas tambem lhes deo indústria para suprir em maior parte os defeitos da Natureza.

Prova.

A 50 gráos ao Norte não he possivel conservarem-se as laranjeiras, e a indústria acudio a esta falta. Em França as plantão em caixas, para as retirarem cómmodamente das inclemencias do inverno. Ha

casas, que tem bem cerradas, e forradas de esteiras, com vidraças para a parte do Meio-Dia, porque nos dias que ha de Sol se lhe communica por ellas; e eu vî laranjas destas laranjeiras tão perfeitas, como as nossas; mas que digo, em França? Em Stokolmo, Corte de Suecia, obrão os homens ainda estas maravilhas.

Onde mais experimentamos aquella ordem da Providencia, he na differença dos climas. He na distancia que ha de Norte a Sul, e não na de Occidente a Oriente, ou de Oriente a Occidente, onde a causa efficiente da producção das plantas tem as mesmas influencias, e a mesma formação, como fica provado.

Se D. Francisco Mascarenhas mandasse de Goa a Inglaterra a laranjeira, que trouxe a Lisboa no mesmo anno, se perderia, porque passava de 35 a 50 gráos, mas

trouxe-a de 35 à 38 gráos; e ainda que era trazida de Oriente a Occidente, produzio com tanta abundancia nestas partes, como naquellas.

Nós achámos Pescarias de Pérolas nas Indias Orientaes, nas Occidentaes se acharão facilmente, não fóra dos Trópicos, mas entre os mesmos Trópicos, e onde as primeiras se tem achado.

A despeza destas experiencias não he digna de desestimar-se, e a utilidade dos effeitos, que dellas se póde seguir, he inestimavel. Obrigue-nos esta grande experiencia ao dispendio ténue, que fez a curiosidade de D. Francisco Mascarenhas, porque senão surtir o mesmo effeito, que he o que perdemos? A navegação de hum Navio de Goa, que com a carga que trouxer, e outras drogas, fará util a viagem.

Eu não proponho a Pédra Philosofal, em cuja operação se empo-

brecêrão todos aquelles, que entrárão na fadiga inutil de a descobrir! Proponho a transplantação de arvores, e plantas, da India ao Brazil, cujas fructificações vêmos cada dia.

Contra os entendimentos escrupulosos, e difficultosos, que chamão chiméra, e visão tudo que não descobrem, ou não comprehendem, se vale judiciosamente o Author Inglez, que fica citado, do exemplo de Christovão Colombo. Veio este a Portugal propôr o Descobrimento de hum novo Mundo, e foi tratado como visionario. Passou a Castella, e mandárão os Reis Catholicos, que o ouvissem em huma Aula dos Sábios daquelle tempo. Estes o tratárão de doido, e chimérico. Mandou seu Irmão a França, onde os Sábios da Universidade mais authorizada da Christandade se rírão delle. Passou a Londres, e succedeo-lhe o mesmo. Em fim, depois

de cinco annos se resolveo Izabel, Rainha Catholica, a gastar trinta ou quarenta mil cruzados com aquelle escarnecido Varão, que foi com effeito executar a idéa, e descubrio-lhe hum novo Mundo. Se continuasse o riso, e desprezo, com que o tratárão, e se o grande coração da Rainha Izabel não arriscasse huma pequena somma de dinheiro, ainda hoje viveramos ignorantes da quarta parte do Mundo, a tantos Seculos escondida, se bem que a este Descubrimento se seguio o do nosso Brazil por Pedro Alvares Cabral.

Se o Infante D. Henrique crêra os argumentos, com que lhe querião provar impossivel a navegação, que intentava; senão desprezára as murmurações, com que condemnavão de chiméro o seu trabalho, ainda hoje se ignoraria o glorioso caminho que descubrimos pelo mar, mostrando ao Mundo todo a ignorancia, em

que viverão tantos sábios Gregos, e Latinos.

Á segunda razão respondo, que tão fóra estão de se perderem as Indias por este meio, que antes por elle se restaurarão. Perder-se-hão nellas os Hollandezes, que nos usurpárão tudo quanto tinhamos no Oriente de grande, e rico; e lá na Europa fazem, e desfructão todo aquelle nosso Commercio, com as drogas, que levão do Occidente a troco de diamantes, ouro, pérolas, e roupas.

Á terceira razão respondo, que esse temor he cousa indigna, e affrontosa de se praticar entre gente valorosa, como he a Portugueza. Se o Brazil nos der riquezas, dar-nos-ha os meios seguros para defendellas. Teremos com que fortificar as Praças daquelle Estado, com que as prover de soldados, e munições, com que conservar huma grande Armada para segurança das Con-

quistas, e do Reino. Isto supposto, que Nação ha em Europa, que arme para combater, huma poderosa Armada, e depois de a vencer, tomar porto em terra, onde ha de achar Tropas pagas, e muito quem lhe resista? Como ha de passar de Europa a sitiar huma praça, ou povoação grande, e continuar huma guerra incerta, com huma Nação rica, e valorosa?

Entre os Castelhanos anda ha tempos introduzida esta razão a todos os meios, que se lhe propõem, para que a prata que vem do Perú, não passe de Hespanha, e respondem. Que se as Nações do Norte não a levarem, a irão buscar ás Indias, e com esta errada Politica tem dado ás Nações do Norte com que lhe fazer a guerra na Europa, e tambem com que as ir buscar ás Indias, onde tem já Estabelecimentos; e os Castelhanos se achão tão pobres, que mal se podem conser-

var nellas, ao mesmo tempo, que se soubessem servir-se das Minas, serião os mais ricos homens do Mundo; darião Leis ás Nações, a que dérão prata, e tiverão seguras as Conquistas.

Segundo esta opinião, errou o mais Sábio de todos os Reis em fabricar hum Templo, em que era tanto o ouro, como as pédras, e em trazer a Jerusalém tantas riquezas, que faz tão communs como as próprias pédras, para depois ser saqueado o Templo, e a Cidade pelos Assirios, Persas, e Egypcios. Errárão os Romanos em trazer a Roma todas as riquezas das Nações, que dominárão, para depois servirem de despojo das Nações do Norte. Errou Constantino Magno em trazer a Constantinopla todas as riquezas de hum, e outro Imperio, com que convidou depois os Turcos a dominallas; e em fim, erramos nós em descubrir o caminho

para á India, por onde depois passárão os Hollandezes, até se fazerem poderosos, e ricos com as nossas perdas.

Não são as riquezas as que chamão as Nações, antes todo o Mundo treme de huma Nação valorosa, e rica. O luxo, e a corrupção, em que a abundancia dellas põe as Nações, que a logrão, he que chama outras Nações a dominallas. Deos dá as riquezas quando as Virtudes, e o honesto uso dellas o merecem; e manda outras Nações a saqueallas, quando os vicios merecem estes castigos.

Sua Magestade, que Deos guarde, he obrigado a procurar a felicidade, e abundancia dos Póvos, que governa, e segurallos, para que logrem em repouso as utilidades, que della resultão; e sem Commercio, e sem riquezas, nada disto póde fazer. Tudo fará se o Brazil der os meios, e deixará feliz o

Reino, e seus Successores, por cuja conta correrá usar das riquezas no exercicio das Virtudes, em que consiste a conservação dos Reinos.

París a 10 de Maio de 1675.

Duarte Ribeiro de Macedo.

SONHO POLITICO.

Breve Discurso das partes de hum perfeito Juiz, que offerece ao Senhor D. Rodrigo de Menezes, Duarte Ribeiro de Macedo, etc.

SENHOR:

OFfereço a V. S.ª este Sonho, já que na minha esféra não póde haver entidade, com que mostre o meu agradecimento. V. S.ª he tão amador da justiça, e da verdade, que acceitará em conhecimento dos beneficios, que me faz, o acerto, com que eu proceder nos lugares das Letras. Esta he a razão porque mostro a V. S.ª o que desejo ser.

Servio-me de exemplar neste Discurso o Sonho de Scipião, elegante lugar de Cicero. Introduzi nelle o Doutor Hieronimo Ribeiro, meu Pai, cujas acções parecêrão ajustadas a estes preceitos, e cujas doctrinas me encaminhárão sempre a justificar os procedimentos; se Vossa Senhoria os não achar realizados neste Sonho, seja tambem Sonho a Dedicatoria, porque não pareça me atrevi a offerecer a V. S.ª o que não era para ser offerecido. Deos guarde a V. S.ª para honra desta Républica. Lisboa 29 de Outubro do anno de 1650.

Obrigadissimo Criado de V. S.ª

Duarte Ribeiro de Macedo.

SONHO POLITICO.

FEz-me Sua Magestade mercê da Occupação de Juiz, e desejo tanto justificar os procedimentos, que me fui huma noite destas a medir o talento com as obrigações, e achei tantas, que desmaiou a sufficiencia com o posto ainda imaginado.

Fazer justiça em hum Mundo, quando pedem os homens justiça; e a maldade acha quem a favoreça, arriscada obrigação!

Perigo grande! Attenderem muitos homens para os acertos de hum só homem, podendo perderse na boca de hum só as honras de muitos, e chamando o Texto Sagrado ao homem o maior inimigo do homem; aquelle tem mais ini-

migos, cujas obrigações são mais públicas.

O que mais he, que são os Juizes julgados, como julgárão, mas com differença; julgão-se os litigantes no Tribunal dos homens, os Juizes no Tribunal de Deos. He advertencia do Imperadôr Justiniano.

Lembrou-me hum elegante lugar de Cicero. Miseravel sorte, exclama, a do Ministro! No qual o cuidado parece emulação, a negligencia he vitupério, onde a severidade encontra com o perigo, a liberalidade a ingratidão; nos públicos agrados descobre simulados os odios, quando vem para o Posto he esperado, quando está no Posto servido, quando o deixa desamparado.

Por divertir os espiritos da molesta representação destes perigos, convidei o repouso; expedi-me de Bobadilhas, com quem me aconse-

lhava, e continuando-se a occupação do entendimento na fantasia, sonhei tão vivamente o que agôra escrevo, que não sei ainda se sonho aquellas realidades, ou se realmente escrevo aquelles sonhos.

Achei-me em hum Valle; tão occupado com boninas, e plantas, que não via distinctamente o Ceo, nem a terra. A humas e outras movia respeitoso hum brando vento. De huma parte subião com a mesma galla, da outra passava, ou estava hum Rio. Tudo em fim em tão profundo ser, que ou o tempo alli se não mudava, ou nada se alterava com as mudanças do tempo.

Vî que se chegava a mim meu Pai, e pegando-me da mão, me dizia que o seguisse.

Chegámos a hum Portico, sumptuoso remate do Valle; e querendo occupar-me na custosa fábrica de columnas, e pyramides, senti abrir a porta.

Dentro vî hum espaço maior, que a esféra da vista, porque se terminava em o não vêr; mas não pude distinguir se era Ceo, ou se era terra, porque vî luzes sem que as communicasse o Sol; vî flores sem que as produzisse o campo; e pareceo-me que luzião estas, e floreciáo aquellas. Senti cheiros de suavidade peregrina, ouvi musicas de harmonia sobrenatural; mas de tal sorte me suspendêrão estes bens, que entendi erão maiores os objectos, que os sentidos: alterouse o espirito em huns affectos tão estranhos, que não sei se lhes chame saudades, se desejos. Exclamei a meu Pai, e disse as palávras de Scipião: *Et quæso, Pater optime! Quando hæc est via, quid...*

Filho, me respondeo, este lugar, cuja entrada agora se nos não concede, he destinado para os Professores da Jurisprudencia, que em serviço da Républica assistírão á

Justiça, sem deixarem mais outro prémio, que o santo exercicio da Virtude. Não entrão aqui aquelles, que com ambição de honras, a administrão, porque lhes falta constante, e perpétua vontade de dar a cada hum o que he seu; e seja este o primeiro preceito, para que possais conseguir os soberanos prémios desta morada.

Estais eleito para ser Juiz; e he necessario, que conheçais o que haveis de exercitar, e o que deveis ser. Honras, e Dignidades, chamou o Imperador Justiniano ao cuidado de julgar na Lei *Omnem honorem Cod. quando provoc. non est necesse.* Assim o disse o Cap. *Ut debitus honor appel.* De tudo vos farei capaz, observando constantemente estes preceitos.

O objecto da nossa Occupação he a Justiça, que achareis definida na L. 10. *et jure.* Esta he aquella Virtude, que pela boca da Divina

Sabedoria diz de si: *Per me Reges regnant, et legum conditores justa decernunt*, e de quem diz Santo Agostinho o mesmo. Se ha hum universal generico, he a Justiça, que debaixo de si comprehende, como especies, todas as mais Virtudes, na Sentença de S. Hieronimo. Diz Aristoteles, que a razão formal da Justiça he a igualdade, e quer que esta seja Mathematica, que consiste no indivisivel; mas reduzir a Justiça a este ponto póde ser só no Tribunal Divino; a que exercitamos consiste na igualdade moral, que busca a razão, alma da Lei.

Na mesma Lei 10 achareis definida a Jurisprudencia, e na Glossa V.ª o em quanto differe da Justiça. Esta sem aquella he ignorancia; aquella sem esta iniquidade: adverti, que para saberdes dar a cada hum o que he seu, aprendereis a Jurisprudencia, e que tendes obrigação de estudar sempre com cui-

dado, se quereis dar boa conta da Occupação, que vos dérão. Não aparteis do Discurso a Sentença de Quinto Mucio, referida na Lei II.ª, porque além de ser torpeza (como respondeo o Servio) ignorar a Profissão, a ignorancia não livra a consciencia, na opinião do Abbade, e he quasi maleficio: fica obrigado o Juiz, que por imprudencia julgou, etc.

Abraçai o conselho de Pomponio, que, com hum pé na sepultura, promettia ter ainda os olhos nos Livros, para declarár o que a Lei quer. Não basta ser Juiz; he necessario sêr perito. He tão necessaria a sciencia, como a consciencia, como diz Baldo, Liv. 2., etc.

Tres são os preceitos da Jurisprudencia, como nos ensina a dita Lei 10. Viver honestamente, não offender a outrem, dar a cada hum o que he seu. Destes preceitos, guardai com inviolavel constancia

o viver honestamente, que só no virtuoso se acha o santo exercicio da Virtude. Assim encommenda o Imperador Justiniano *in proœmio Cod. vet. Jur.*, *etc.* Cassiodoro encommenda ao Juiz as Virtudes.

Não podem ter commercio a Justiça com a maldade, diz o Tex. *in Cap. forus de V.* Deve o Juiz exercitar o officio de bom, e innocente Varão, como diz o Tex. *in L. 5.* pela boca de Ulpiano. O Varão bom, e Juiz, em os nossos Textos são synónimos.

Tende por impossivel poder fazer, senão o que honestamente podeis fazer; como ensina Papiniano, e assim o prova o Text. no L., etc.

Para satisfazer o segundo Preceito da Justiça, tende muito diante dos olhos a equidade. Estes ambos lugares vos ensinão, que sejais para as partes o que quizereis que o Juiz fosse para vós, sendo parte justificada. A este conselho chamou

a penna de Cornélio Tacito o mais util, e o mais breve meio para obrar com accerto.

Ao terceiro Preceito obedecei, determinando as cousas com as Ordenações do Reino, Direito Commum, ou Resolução dos Doctores, como aconselha a Glossa no Liv. 1., v., etc. Conhecei as acções, e fazei particular estudo da materia, sobre que os Authores escrevêrão. O Jurisconsulto Celso ensina que se hão de interpretar as Leis benignamente, para se conservar a verdade dellas; mas adverti, que manda o Jurisconsulto Paulo, que se não mude o que sempre teve certa interpretação; e Celso, que se ha de julgar, consideradas todas as palavras da Lei.

Nos casos duvidosos escolhei sempre a parte mais favoravel, na Sentença de Gayo.

Paulo resolve, que devemos mais ir a livrar, que a obrigar.

Gayo manda inclinar mais aos Réos, que aos Authores; e o mesmo Paulo ensina, que condemnando diversos Juizes em diversas summas, a menor se ha de eleger; e encommenda ao Juiz a equidade.

Mas he necessario escolher hum meio, porque a equidade, e a justiça se não confundão. Antonio Fabro a define, fiel da balança da Lei escripta reduzido á utilidade dos homens; donde colhei, que a equidade, e a Justiça, são synónimos nos termos da Lei. Daqui infere Antonio Fabro, que a equidade se ha de trazer sempre diante dos olhos; mas adverti, que se a Lei resolve de sorte, que a equidade seja offensa da Lei, de nenhuma sorte se ha de seguir. Não ha cousa mais prejudicial, que parecer ser lícito ao Juiz fingir a equidade a seu arbitrio, e alterar a Lei com este Preceito.

He singular Sentença de Antonio Fabro, a quem seguireis, fazendo nelle differença dos juizos de boa fé aos strictos.

Dos Delictos aconselha Hernogoniano, que a interpretação deve moderar a Lei na pena. Advertio a Glossa marginal, que foi louvado Antonio Philosofo, porque costumava diminuir a pena, com que a Lei punia.

Procedei com temperamento, fugindo de affectar a severidade, ou a clemencia, seguindo a elegantissima Sentença de Marianno; e o que mais vos encommendo, he, que julgueis, senhor das paixões, sem ira, sem odio, e sem amizade. Inconstante, e pouco recto, chamou Calistrato ao Juiz, cujo rosto descobre os movimentos do animo.

O vosso procedimento he tres vezes relativo; diz ordem a Deos, ao Monarcha, e aos homens. A Deos satisfareis, obedecendo aos

Preceitos, que a Justiça pela boca dos prudentes nos ensina. Não vos embaracem a consciencia os prémios do Mundo, que assim tereis prémios, em que se não limita a gloria, e em que se termina a esperança; servindo a Deos com a Virtude, servireis melhor ao Principe, e aos homens. A verdade vos fará no Mundo livre, na prática bemaventurado. Se vos empenhardes, e não procederdes justificado, não podereis obrar, nem fallar livre: *Ego sum veritas*, Eu sou a verdade, vos diz Christo. Segui esta via, e mostrar-vos-ha a experiencia como os homens vos estimão, e como Deos vos paga.

Ao Soberano satisfareis com Justiça, e com a Virtude, que para fazer Justiça, e fallar verdade vos elegeo. Esta he a vontade do Rei, que fiou de vós o haverdes de julgar, como elle o fizera. Assim o diz elegantemente o Jurisconsulto Aurelio Arcadio.

Costumes dos Reis chama Marcial aos procedimentos dos Ministros, dando graças a Trajano pelos Pretores, que então governavão Hespanha. Com máo Soberano não póde haver Ministros bons, com bons Soberanos não póde haver Ministros máos. Ditoso he o Seculo em que vos achais, pois não podeis ser nelle máo Ministro.

Com os homens procedei, enlaçando a Justiça com a prudencia. Seja o vosso procedimento huma Justiça prudente, e huma prudencia justa. Lembre-vos, que ha diversas esféras na condição dos homens, porque quando politicamente os trateis, diversifiqueis o modo pelas qualidades; mas quando julgardes, não vos lembre esta advertencia, porque então obra a Justiça sem respeito ás pessoas, que assim foi constituida a Lei, como ensina Ulpiano. Adverti, que as Obrigações públicas vos hão de oc-

cupar as horas, e não reserveis para vós mais, que as necessarias. Ouvi as Partes com soffrimento, respondei-lhes com brandura, confórme a Doutrina dos Textos. O nosso Soberano perfeito, ouvia as Partes queixosas, tapando com a mão hum ouvido, que reservava para outra informação. Castigar o culpado sem o ouvir, he castigallo como a innocente. Foi grande advertencia de Tacito, nas mortes que Galba mandou dar a Cigonio Vario, e Petronio Tertuliano.

Tende particular cuidado em se não entender de vós, que estais inclinado a alguma das partes, seguindo a singular doctrina do juramento.

Não deis ouvidos a murmurações, não façais caso de lisonjas; fugi de ser, ou parecer pezado ás Partes com a pressa, ou com o rigor, como acautélão os DD. A clemencia tende por parte necessa-

ria, como advertio Ulpiano; assim tambem o encommendão os DD., e igualmente Cassiodoro.

Os Advogados ouvi com soffrimento, mas de tal modo, que não sirva de motivo a desprezo, o que he singular doctrina de Ulpiano. Não vos convem particular familiaridade com os moradores do Lugar, de que sois Juiz, como observa Calistrato no Liv. das Observaç. 19. fol. de Off., etc.

Não vos lembro que sejais limpo de mãos, porque vos não esquecereis de ser honrado. Vil, e ignorante he o Juiz, que se deixa corromper infamemente da parte. Como observará os preceitos da Justiça, quem se fez venal? Negociárão os Legados de Jugurta em Roma a dissimulação da Paz, corrompendo os Ministros; e diz advertidamente Floro, que fôra a primeira victoria que tiverão os Romanos. Que outra cousa he hum

Juiz peitado, senão hum animo cobardamente vil, vencido do interesse, a quem castiga a Lei? Tiberio desterrou a huma Ilha a Publio Suillo, convencido de haver dado huma Sentença por dinheiro; e contra os que tiverão por áspero este castigo, jurou que assim convinha ao Bem Público.

Nos mimos aconselha Ulpiano, que não seja o Juiz de todo abstinente, mas abstinente com modo, que não pareça aváro em os receber, nem descortez em os rejeitar. Refere-se huma Epistola de Sevéro a Antonino, que dá como regra de os receber: nem todos, nem sempre, nem de todos. Bobadilha advertio, que havia perigo na eleição destes meios; e porque são especulativas estas differenças, vos aconselho com elle toda a abstinencia, nem he menos que de Christo Sagrado esta advertência.

Ultimamente não invejeis, nem

murmureis as melhoras de outro; procedei ajustado com estes Preceitos, que a Virtude he satisfação de si mesma; e quando esta não seja o mais facil meio para conseguir as honras da República, pouco vai em não alcançar o que necessariamente haveis de perder. O exercicio da Virtude vos assegura, de caminhardes ditosamente a esta morada. Aquí chegava, *et statim a somno solutus sum.*

Discurso do mesmo Author sobre o valerem os particulares com seus Conselhos á Republica.

TEm tão facil entrada na malicia humana as questões erradas, que de ordinario as vemos introduzidas sem diligencia, e seguidas sem presumpção. Trabalhárão os Legisladores em buscar fórmas para a observancia da Justiça, os Philosofos em descobrir meios para ensinar as Virtudes Moraes; só aos vicios, e erros não forão necessarios Authores, e Mestres.

He o erro achaque do entendimento, entra sem que se sinta, e vagarosamente larga; assim como por natureza da enfermidade humana no composto physico do homem, são mais vagarosos os remedios, que os males.

Contra a verdade da Religião Christã se movêrão as ignorancias de Arrio, e trabalhárão as diligencias da Igreja novecentos annos.

Nascêrão com vicios as heresias do Norte, e sendo o que contradizem a mesma verdade, durão em contínuo escandalo da piedade Catholica.

Ouvi, Senhor, que se repetia entre nós hum mal entendido Aforismo nestas quatro palavras; *Gloriam meam alteri non dabo.* Forão produzidas pela boca da verdade, e converteo-as a malicia humana em crédito da mentira.

He muito que temer se pratique, porque he erro, e que possa continuar como enfermidade; são tão perigosas as consequencias desta doença, que devemos fugir-lhe como vicio, e preseverar-nos della como contágio.

Acha, diz Tacito, a maldade infelizmente executada Competido-

res na imitação, que será se se vir recebida, e poderosa?

Dizem que nasceo em Alemanha a venenosa doctrina destas maximas, e não he muito; altera-se com proposições a verdadeira Politica de huma Provincia, que perturbou com erros a verdadeira Religião.

São as illações deste Aforismo, que aquelles que obedecem sem esperanças de mandar, não devem alcançar as victorias para os que governão; e sabendo o inferior algum meio de render Praças, ou lograr successos gloriosos, os não deve descobrir, sem que o fação Senhor da acção.

Suavizão este axioma, dizendo, que não devemos a outrem as glorias, que podemos guardar para nós; nem he justo pôr o nosso trabalho, sendo só dos que governão as utilidades do triunfo.

Para refutar as heresias, diz S. Hieronimo, basta só advertir, que

se oppõem ao fim da Religião. Heresias humanas são as Sentenças deste prolóquio, e só advertindo, que encontrão os intentos de quem serve, as refutamos.

São na guerra diversos os fins dos soldados de nome; porque, ou o serviço attende só á gloria do Monarcha, e defensão da Patria, ou dispõe o merecimento para conseguir os Póstos maiores. A hum e outro fim se oppõem os erros desta opinião.

Aquelle soldado, que por não dar a gloria da empreza a quem obedecia, deixou perder as occasiões no serviço do Monarcha, e defensão da Patria, antepoz á ambição particular a saúde pública. Mais que ambicioso he quem descaminhou as occasiões no serviço do Monarcha, porque a sorte do Governo foi alheia. Se he traidor quem deixou perder a batalha, por dar a victoria ao General, con-

tra quem peleijava, que falta para o ser este que não quiz lograr a victoria para o Cabo, a quem obedecia?

E quem chamará bom Vassallo ao que estima mais a sua gloria, que a gloria do Monarcha, a quem serve?

Foi em todas as idades sagrada a reverencia do lugar do nascimento, e he verdadeiramente sacrílego o soldado, que nelle peleja só por elle.

Quem serve na guerra para merecer os Póstos maiores, deve ser soldado para os Generaes, como quizéra os soldados, sendo General; e se calou quando se devião praticar as Emprezas, por não dar a gloria a quem governava, não terá quem lhe inculque as Emprezas, quando chegue a governallas.

Os Officiaes que obedecem, ajudão nos successos ao Cabo, que man-

da; e se for approvada a maxima de desencaminhar as victorias, porque não seja a gloria alheia, quando chegão a mandar não poderão conseguir successos gloriosos.

Quem serve fundado nesta opinião, ha de soffrer mal, que assim lhe obedeção, quando governe, e he ignorancia não saber servir aos Generaes, como se quizera servido sendo General.

São os Exercitos huma Republica portatil, a que traz concertada a obediencia; e chegando a introduzir-se esta opinião, faltará infallivelmente a ordem, com que se sustentão, porque não podem deixar de querer os inferiores a gloria do Superior, sem que faltem na obediencia.

Compoem-se os Exercitos de Capitão que manda, e soldados que obedecem. Tão acertados são os acertos no governo, como na obediencia; e do que soube obedecer

se infere, que infallivelmente saberá bem mandar.

Fôra sem obediencia o Corpo de hum Exercito huma desordenada Républica de brutos. Olhão-se mutuamente a acção de mandar, e a acção de obedecer. Se faltará esta consonancia em qualquer dellas, perecêra a outra.

Introduzio esta ordem de governo, fundada na experiencia, e na razão, que fosse o Conselho, e o Governo do General, as armas, e o valor dos soldados. O soldado que descompõe a harmonia desta ordem, usando mal das armas, e do valor, porque era do General o conselho, e o governo, ou não quer ser, ou não he para ser General.

Move tambem ao serviço da guerra a ambição do prémio, e com este motivo se oppõe evidentemente a opinião; porque encobrir o que obedece os meios da

victoria a quem manda, foi negar-se aos meios de conseguir o fim: mas esta parte não necessita de mais prova, porque quem assim serve, trata só de fazer proprios os interesses, posto que a gloria seja alheia.

Póde valer-se desta opinião o fraco, ou traidor, a fim de dissimular a fraqueza, e a traição; mas obrando os mesmos effeitos, vem a não differir desta douta doctrina mais que no nome.

Seja segunda parte deste discurso, mostrar como senão praticou esta opinião nos Capitães antigos, como se encontra com a fé, e obediencia pública; e como o contrario do que ensina são partes, que constituem perfeito o soldado que obedece.

He tão contraria da razão, e do valor, que em nenhum dos Capitães antigos a achamos praticada; se já não foi, que o desprezo de

obedecer, e em que achou Trajano a Milicia Romana corrupta, confórme Plinio, tinha por motivo este errado proceder.

Tacito, singular observador dos erros Politicos, descobrindo as diversas condições de gloriosos Capitães Romanos, não achou estes, e parece infallivel que a não havia. Entre varios exemplos, com que vemos salpicadas suas Historias, nos valhamos de dois.

Caminhava Corbulon a soccorrer Tito, que em Armenia tinhão os Parthos cercado nos alojamentos, e diz Tacito, que se movia lentamente, porque crescendo o perigo nas Legiões Romanas, fosse maior a gloria do soccorro.

Forão os passos vagarosos de Corbulon suspeitos murmurados, porque expoz a perigo com a tardança os soldados de Roma, por querer grangear maior gloria; e quanto vai de arriscar a Patria por

adquirir gloria, ou offender a Patria po-la tirar a outrem, ha de maior consideração no caso que disputamos.

Em varias occasiões se vio executada esta prática com irreparavel damno da República, sem que os Authores pudessem lograr deixarem para si reservadas as glorias que negavão a outrem, porque falte a esta maldade até a mesma ambição em que se funda.

Entrárão em Italia com a voz de Vespaziano os Exercitos de Missias, e Pannonia, governados por Tito Apio Flaciano, Apinio Saturnino, e Antonio Primo; contra os primeiros dois Cabos se levantárão os soldados, tomando por pretexto, que não erão seguros na fé do Imperador. Deixárão os dois Legados o Campo, por livrar a vida, ficando só Antonio com o Governo das Armas; e diz Tacito, que crêrão muitos, introduzíra a maldade

de Antonio as sedições no Exercito, porque ausentes os dois Legados, fosse só sua a gloria da guerra.

Esta ambição encaminhada a não querer Antonio companheiros na Conquista de Italia, e de que se não originou damno, ou offensa pública ao bando de Vespaziano que a seguia, chamava Tacito filha da maldade, e sabe praticalla hum homem, a quem em outro lugar define Author, e artifice de sedições, e discordias.

Nãs mãos do Monarcha jurão os Ministros de Guerra obrar tudo o que entendem em seu serviço, e he sem dúvida, que todas as vezes que algum soldado calou as emprezas, ou deixou de obrar o que entendia, por negar a gloria dellas ao General, foi quebrantador da fé, e juramento.

He conclusão infallivel, que devem todos os Cabos inferiores

obediencia, e execução prompta ás Ordens do General; e consequencia desta conclusão, que quando as interpretárão, ou alterárão, porque a gloria da acção não fosse alheia, faltárão na obediencia.

Na authoridade de Tacito achamos até aqui com que condemnar os erros desta opinião, nelle acharemos tambem com que provar os acertos da contraria.

Na Cidade de Julio Agricola, seu Sogro, nos diz, que deixa á posteridade o melhor espelho de hum Varão singular, e na Vida de Julio Agricola observa, que sendo Legado de huma Legião no Exercito Decurial em Inglaterra, jámais converteo em gloria sua as acções que exercitava; attribuindo sempre a boa fortuna dellas ao General, como Author, e Ministro da empreza.

Ha muito que advertir com Tacito, que era esta cortez obrigação

virtude na obediencia, que conservou Agricola, sem invéja, mas não sem gloria.

Apezar dos sofismas contrarios, he esta opinião contra os fins da verdadeira Milicia, encontra os bens públicos, desordena os intentos de quem serve, e altera a ordem do Governo da Guerra, descompõe os juramentos, e a fé pública, nem foi conhecida dos Capitães antigos. Obrar o contrario do que ensina, he parte que constitue perfeito o soldado que obedece.

F I M.

INDEX ALFABETICO

Dos Senhores Subscriptores, que como zelosos Patriotas concorrêrão para a Impressão das Escripturas ineditas dos illuminados Seculos da Literatura Nacional.

A

SUa Alteza Real o Principe Augusto Frederico, para toda a Collecção, entregue ao Ministro da Nação Britanica.
Alexandre Antonio Vandeli.
O Abbade Avilar de S. Luiz.
O Abbade Geral de Belém.
Alberto Carlos de Menezes.
Antonio Corrêa de Amorim.
Antonio da Cunha.
D. Antonio Diogo Alves Rangel.

Antonio Franco de Oliveira Duarte.
Antonio Gomes Ribeiro.
Antonio Gomes da Silva Belforte.
Antonio Henriques da Silveira.
Antonio Joaquim Torres d'Abreu.
Antonio José Martins Vidigal.
Antonio José da Motta.
Arcebispo de Lacedemonia.
Conde de Arganil.
Antonio José Barboza.
Antonio Manziote.
Antonio Pinto de Almeida.
Ayres Pinto de Sousa.
Ascensio de Siqueira.
Antonio Telles.
Antonio da Silva Freire d'Andrade Paizinho.
Antão de Saldanha.
Anselmo José Braancamp.
D. Antonio da Silveira.
Antonio José Coelho da Fonseça.

B

Barão d' Arruda.
O Bacharel Director do Collegio de S. Gregório.
Belchior da Costa Ferreira.
Barão de Quintella.
Bernardo Xavier Barboza Salcete.
Bento Xavier Gentil.
Bento Antonio.
Braancamp Sobral.

C

D. Carlos de Menezes.
Conde de Castro Marim.
Condessa d' Oyenhausen.
Conde Bobadella.
Conde d' Almada.
Conde da Cunha.
Conde de Figueiras.
Conde de Lumiares Junior.
Conde de S. Lourenço.
Conde da Louzã, D. Diogo.
Conde de Peniche.

Conde da Ponte.
Conde de Cavalleiros.
Conde da Ribeira Grande.
Conde de Pena Fiel.
Conde de Sarzedas.
Conde de Palmella.
Conde de Villa Flor.
Carlos Estuard.
Monsenhor Campos.
Conde d' Oeiras.
Condessa de S. Vicente.
O Consul Geral de Sua Magestade.
O Imperador de ambas as Russias.

D

Domingos Alvares Guerra.
Duque de Cadaval.
D. Diogo da Piedade.
Domingos José Cardoso.
Domingos Monteiro d' Albuquerque e Amaral.
Daniel Frizoni.

Diogo Carlos.

E

Ernesto Biester.
Estanislau de Cordeiro.
Estevão Moniz da Silva Pato.

F

Filippe Arnaud de Medeiros.
Filippe Vaz de Cordeiro.
Telles de Avellar Brotero.
Francisco Antonio Márques Giraldes.
Fr. Telles das Chagas.
Francisco Candido da Fonseca Popi.
Fernando Garcia.
Francisco de Assís e Costa.
Francisco Pires de Carvalho.
Francisco de Lémos Betancour.
Francisco José de Faria.
D. Francisco de Mello Cogominho.

Francisco José de Almeida.
Francisco Manoel Trigóso.
Francisco Duarte Coelho.
D. Francisco de Sousa Coutinho.
Francisco Penegache.
Francisco Antonio Durão.
Francisco Xavier de Montes.
Felix Martins da Costa.
Francisco Antonio de Campos.

G

Germano Alexandre de Queiroz Ferreira.
Gregório Mendes Ribeiro.

H

Henrique José da Silva.
Heitor Pinto da Fonseca.

J

João Antonio de Almeida.
João Baptista da Silva.

João Faustino.
João Augusto da Cunha e Almeida.
João Antonio Teixeira Bragança.
João Bel.
João Baptista Esteves.
José Bonifacio de Andrade.
José Monteiro da Rócha.
José Antonio Soares Lial.
José Antonio da Rosa.
José Antonio Soares e Sousa.
José Corcino Dias.
João Evangelista Alves Caldeira.
José Antonio Pereira.
José Damazo de Cordeiro.
Ignacio Francisco Silveira da Motta.
José Rycardo.
José Ribeiro Saraiva.
José Jorge Gostrião.
José Joaquim Borges da Silva.
João Gaudencio Torres.
João Luiz Monteiro de Carvalho e Oliveira.
Joaquim Gomes Teixeira.
José Joaquim de Oliveira Villas Boas.

João Henriques Ferreira.
José de Sousa Moniz.
Justiniano Mello Franco.
José Pedro Quintella.
João Laureano Nunes Leger.
José Roberto Vidal da Gama.
João Gonçalves Márques.
João Baptista Soares.

L

Le Beselth.
Linche.
Lucio José de Gouvêa.
Lucas da Silva d' Azevedo Coutinho.
Luiz d' Albuquerque Mendonça Furtado.
Luiz Maria Basto.
Luiz José Monteiro.
D. Luiz Machado de Mendonça.
Luiz José Monteiro do Olival e Andrade.

M

Marquez de Abrantes, D. Pedro.
Marquez de Borba.
Marquez de Angeja.
Marquez de Castello Melhor.
Marquez de Fronteira.
Marquez de Niza.
Marquez de Penalva.
Marquez de Louriçal.
Marquez de Marialva.
Marquez de Tancos.
Marquez de Pombal.
Marquez d' Olhão.
Marquez de Vallença.
Marquez de Soidos.
D. Miguel Pereira Forjaz.
Monsenhor Thorel.
Dona Maria de Noronha.
Manoel de Lardízabal de Motoya.
Monsenhor Saude.
Monsenhor Moira.
Monsenhor Campos.
Miguel Paes.
Mister Rili.

Fr. Mattheus da Assumpção.
Manoel Lopes de Figueiredo.

N

Nicoláo Clamouce.
Nuno Caetano.
Nuno Freire d' Andrade.

O

Overman.

P

Principal Cunha.
Principal Freire.
Principal Telles.
Principal Silva.
Pedro de Mello Brainer.
Principal Sousa.
D. Pascoal Tenorio.
Principal Corte Real.
Pedroza, Desembargador.
Pilaer.

R

Ricardo Raymundo Nogueira.

Ricardo Deulins.
Roberto Gonçalves.
O Reitor do Collegio de Santo Agostinho.
O Reitor do Collegio da Conceição.

S

D. Segismundo.
Sebastião de S. Payo.
Simão Paes de Sá.
Sebastião Roci Leal.

T

Thomás de Aquino Simões Penalva.
Thomazini.
D. Theotonio de Nossa Senhora das Dôres.
D. Thomás Peixoto de Figueiredo.
Fr. Thomás Corrêa de Sá.
D. Thomás de Noronha.

V

Visconde de Anadia.

Visconde de Balsemão.
Visconde de Barbacena.
Visconde Armeiro Mór.
Visconde d'Ervedosa.
Visconde da Bahia.
Visconde de Fonte Arcada.
Visconde de Santarém.
Visconde da Lapa.
Visconde de Torrebella.
Vice Consul da Russia.
D. Vicente Machi.
D. Vicente de Mello Cogominho.
Victorino Antonio da Rócha Cabral.
O Vice Consul da Russia.

ORDENS RELIGIOSAS.

OS Religiosos do Senhor JESUS da Boa Morte.

Os Religiosos de S. Domingos.

Os Religiosos de S. Francisco da Cidade.

Os Religiosos Barbadinhos Italiaños.

Os Religiosos de Santo Antonio dos Capuchos.

Os Religiosos de S. Pedro de Alcantara.

Os Religiosos Capuchinos da Esperança.

Os Religiosos da Ordem Terceira.

Os Religiosos do Real Hospicio de S. João Nepomuceno.

Os Religiosos do Convento da Graça.

Os Religiosos da Congregação de S. Caetano.

Os Religiosos do Convento do Livramento.

Os Religiosos da Congregação do Oratorio.

Os Religiosos do Convento de Monte Oliveti.

Os Religiosos de Nossa Senhora do Monte do Carmo.

Os Religiosos de S. Vicente de Fóra.

Os Religiosos de S. Bento.

Os Religiosos da Redempção dos Captivos.

INDEX.

ERRATAS.

P.	L.	
8	8	da Dedicatoria, sonhar, *leia-se*, sondar.
11	17	seria, *leia-se*, veria.
13	17	rectidáo, *leia-se*, vastidão.
15	24	Chimica, *leia-se*, Physica.
22	23	faces, *leia-se*, fazes.
32	25	lave, *leia-se*, vale.
34	13	llevava, *leia-se*, llevavão.
71	8	Pedteiros, *leia-se*, Pedreiros.
102	11	Indias, *leia-se*, Indios.
126	7	arvorea, *leia-se*, arvores.

PRIVILEGIO.

DOna Maria por Graça de Deos Rainha de Portugal, e dos Algarves d'aquém e d'além mar, em Africa Senhora de Guiné, etc. Faço saber, que Antonio Lourenço Caminha, Professor Régio de Rhetorica, e Poetica, me representou, que elle desejando enriquecer o Público com alguns Monumentos dos nossos bons Antigos, deo princípio a este projecto, fazendo huma Collecção das Obras ineditas dos nossos illustres Poetas dos mais esclarecidos Seculos da Litteratura Portugueza, principiando por Pedro da Costa Crestrello, coevo de Luiz de Camões, e Francisco Galvão; e tendo outros muitos para a referida Collecção, elle

Supplicante temendo, que algumas pessoas utilizando-se do grande trabalho que tem tidó com a dita Collecção; pertendão fazer imprimir algumas Obras das mencionadas, me pedio fosse servida conceder-lhe hum Privilegio privativo, para ajuntar ao primeiro Tomo da sobredita Collecção, que se acha impresso; bem como se concedêra á Viuva de Pedro Antonio Corrêa Garção. E visto o seu Requerimento, e Informação que se houve do Corregedor do Civel da Côrte, Luiz Ribeiro Godinho, Resposta do Procurador da Corôa, e o que me foi representado em Consulta da minha Real Meza da Commissão Geral sobre o Exame, e Censura dos Livros: Hei por bem fázer Mercê ao Supplicante, de que pór tempo de dez annos ninguem possa imprimir, nem reimprimir nestes Reinos, ou introduzir de fóra delles, a Obra de que se trata, ainda com o pretexto

de novas Correcções, ou Addições, debaixo das penas de cem mil réis pela primeira vez, e da perda de todos os Exemplares, que lhe forem achados, e duzentos mil réis pela segunda vez, sendo ametade da condemnação, e do valor dos Livros para quem os denunciar, e a outra ametade para o Hospital Real de S. José. E esta Provisão se cumprirá inteiramente, e como nella se contém, e valerá, posto que o seu effeito haja de durar mais de hum anno, sem embargo da Ordenação do Livro segundo, Titulo quarenta, em contrario. E pagou de novos Direitos quinhentos e quarenta réis, que se carregárão ao Thesoureiro delles, a folhas duzentas e sessenta e quatro do Livro treze da sua Receita, e se registou o conhecimento em fórma no Livro quarenta e oito de Registo Geral, a folhas cento e sessenta e sete. A Rainha Nossa Senhora o mandou